

Um jardim chamado Noia

Deribaldo Santos

coleção sílica

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

deribaldosantos@yahoo.com.br

Editora Corsário

Al. da Violetas, 279, Papicu

Fortaleza – Ceará – CEP 60190-310

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

Ficha Técnica

Editor Responsável | Mardônio França

Co-Editora | Katiusha de Moraes

Projeto Gráfico | Roberto Barros/Ícaro Mares

Editoração Eletrônica | Gilberlânio Rios

Digitação | Verônica M^a Alexandre

Revisão | Vera Filisola | Katiusha de Moraes

Fotografia da Capa | Mardônio França

Impressão | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Conselho Editorial

Poeta de Meia Tigela / Nuno Gonçalves

Frederico Régis / Léo Mackellene G. C.

Catálogo na Fonte

S 237 j Santos, Deribaldo
 Um Jardim Chamado Noia./
Deribaldo Santos.- Fortaleza:
 Editora Corsário, 2010.

128 p.
1. Crônicas brasileira I. Título

CDD: 869.8

ISBN: 85-7563-569-8



Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

Fernando Pessoa



Latitude e Longitude: 22°45'39.76"S | 43°20'53.51"O



PREFÁCIO

Paraibano de nascença, já faz um tempo que compartilho com os conterrâneos da grande nação nordestina a sina da “triste partida” ou, em sentido mais positivo, a missão de “andar por este país”. Quis o designio da Providência – os romanos apelariam para a senhora Fortuna, a deusa do destino – que, antes de seguir para o Rio de Janeiro, para fins de formação profissional, eu aportasse por uma segunda vez em terras cearenses para uma missão de dois anos.

Logo no início desta experiência migratória – cheguei a Fortaleza em fevereiro de 2000, afortunadamente, conheci uma conterrânea e, através dela, fui acolhido filial e fraternalmente no âmbito de sua família. Esta, de raízes paraibanas, cuja segunda geração nascera e se criara no Rio de Janeiro, experimentou o “êxodo” para a capital cearense.

O seu nome, Pilá; filha segunda dos patriarcas da família. No aconchego de sua casa, muitas vezes ao redor da mesa farta, sempre regada com a bebida que alegria o coração, sentávamos para prostrar longa e alegremente. Outras vezes, as conversas se davam próximo de um coqueiro, no quintal da casa. Ali, num recinto pequeno e aconchegante, as dimensões pareciam se alongar quilometricamente quando, transpondo os limites do tempo e do espaço, viajávamos nas longas estórias vividas pelos membros da família desde os inícios telúricos

na Paraíba, passando pelos anos heróicos de verdadeira gênese – com a dor e a alegria que todo parto compreende – da prole no Jardim do Noia, até o retorno benfazejo às terras nordestinas. De tanto ouvir aqueles casos, de acompanhar narrativamente a saga daquelas pessoas, aquela história foi ficando familiar, como se paulatinamente eu fosse me tornando – para além da mesma origem batismal e geográfica – um membro também de sangue daquela família.

São estas estórias, pelo menos parte essencial delas, que Deribaldo, sobrinho de Pilá, evoca e revive agora neste seu Um jardim chamado Noia. O título evoca o lugar, na Baixada Fluminense, onde a família morou por aproximadamente 22 anos. De forma direta, simples e coloquial, Deri descreve os fatos, narrando-os quase de uma vez só – como se esvazia sofregamente um copo de cerveja numa tarde ensolarada de domingo. O leitor pode, eventualmente, se atordoar com a virada do copo, mas ficará deliciado com a narrativa dos fatos, com a descrição, por vezes pitoresca, das pessoas e dos lugares, com a riqueza de pormenores e, por que não dizer, marcado também pela dureza do cenário, onde as personagens desenvolvem a trama do seu cotidiano existencial.

Mas o autor não se limita a contar a história. No interior mesmo dos fatos contados brotam desabafos, questionamentos e denúncias que vão se costurando em torno da linha mestra da narrativa: a violência urbana, o êxodo rural,

a desigualdade de um sistema social injusto, os sonhos e opções abortados por falta de oportunidade, etc. Questões atualíssimas que nos desafiam a todos. Eu, que conheço uma parcela pequena da favela da Rocinha, vejo este drama social vivido em muitos dos nossos “Paraibas” que lá vivem e continuam a chegar.

O núcleo da história, contudo, parece-me que está na vivência no interior de uma família que, apesar de todos os percalços e dificuldades, soube cultivar valores sólidos, permitindo aos membros do “clã” não só uma estrutura unida e coesa, como também atravessar com segurança um abismo que os podia levar à marginalidade criminal. Daí a saudade, confessadamente sentida pelo autor, daqueles anos vividos no meio da parentela, inserida no Jardim maior do Noia, com seus folguedos juninos, jogos de futebol e experiências várias de caráter social, religioso e familiar que configuravam uma autêntica vivência em comunidade. Surge, então, a pergunta inquietante: no falso dualismo indivíduo-comunidade, que cada vez mais se impõe nos meios urbanos e abastados, como manter uma saudável e harmoniosa articulação entre os dois pólos? Como encontrar nas famílias de hoje – é o questionamento que o autor faz de si mesmo – pessoas que promovam essa integração? Talvez não concordemos com todas as proposições do autor. Mas a sua voz é sincera, atual e pertinente. O leitor vai conferir ao longo da leitura.

No Jardim do Noia, Deri nos conta que havia uma fruteira estéril, que

nunca produziu frutos. Em Fortaleza, na casa de D. Pilá, há um coqueiro sob o qual muitas vezes nos reunimos para ouvir as aventuras da família. Os frutos do coqueiro são abundantes, e a doçura de sua água surpreende a qualquer um. Quem sabe não vejamos aí – nos frutos da terra – a vida e o trabalho recompensados dos patriarcas Isidro e Cassiana?! Assim também somos convidados a vislumbrar, nesta história de Deri, uma frutífera produção de um Jardim chamado Noia. Eu, particularmente, sou grato ao autor pelo convite de prefaciар este livro. E, ao fazê-lo, sinto-me feliz por me considerar um rebento tardio deste Jardim.

Lúcio Flávio, SJ

Ao coração de Josinaldo Santos,
porque o amor nunca há de morrer!

parte I

O CHEIRO DO SHOPPING

Em Fortaleza, onde habitamos os mesmos espaços das pessoas ditas de classe média, o mundo se apresenta diferente da rua da lama. Na fila do teatro, as criaturas têm o mesmo cheiro, parecem usar o mesmo perfume, e suas roupas fazem-me crer que são de um único guarda – roupas. Homens e mulheres com a pele impecavelmente branca portam na cintura, de um lado, o celular e, do outro, a chave do carro, em convivência pacífica, como se fossem órgãos do próprio corpo.

Após algum espetáculo, não é raro ouvirmos, além dos comentários embasados em críticos reconhecidos pela mídia, algumas conversas sobre o melhor da arte mundial que acontece, segundo esses perfumados comentaristas, em São Paulo, Paris, Nova Iorque, ou na terra de algum colonizador, mas nunca em Fortaleza, pois, nas palavras desses, “o povo daqui é atrasado e só gosta de forró com tapioca, não entendendo jamais uma grande obra de arte”.

Nos shoppings da cidade, habitat natural dessas pessoas, é onde compro o que procuro para parecer com elas, pois na lógica vigente adquiro os mesmos adereços: roupas, chaveiros, aparelhos celulares e até o perfume que garante o mesmo cheiro. Mesmo assim, entretanto, os olhares disparados dos aromados cidadãos em minha direção garantem que sou mesmo diferente e por mais que eu queira disfarçar a cor de minha pele

e minha origem, com os artifícios usados por pessoas de classe média, é inevitável a reflexão: sou negro, sim! Como se não bastasse a polícia que constantemente me para no meio da rua para um baculejo.

Mesmo para mim, que defendo não existir nenhum problema em ter a pele clara, afinal ser branco é tão lindo quanto ser negro, infelizmente constato na pele: a maioria dos nossos cultos moradores não pensa assim. Ascender à classe média não mudou a cor da minha pele nem sua marca histórica.

No Jardim Noia ou na rua da lama, eu era negro. Com a chegada em Fortaleza, no entanto, as pessoas fazem questão de dizer que eu não sou negro, dizem, carinhosamente: “Você é apenas moreninho”. Todavia, no chão da realidade, a sociedade culta, cheirosa e arrumada de Fortaleza não tem nenhum constrangimento de me provar o contrário. Suas atitudes me confirmam: sou negro, sim, e não deveria estar entre eles, o lugar de preto é na favela de onde saí e para onde devo voltar.

O racismo aqui é tão forte que, mesmo um negro possuidor dos meios materiais de sobrevivência da classe média não pode ser preto. Será que se eu estivesse nos semáforos, limpando para - brisa de carro, onde inúmeros afrodescendentes permanecem dia após dia sem a mínima condição de dignidade, estaria bom para a Fortaleza? Para esta cidade que prefere se inventar branca?

Digo-lhes: ainda hoje continuo sem paz. O problema não era o Noia. Realmente, não estava nesse bairro a salvação da humanidade, pois a paz do mundo é muito maior do que a do Jardim Noia e, não tendo como empreender essa discussão aqui, entrego-a para teólogos, filósofos, politólogos e demais teóricos que se iludem em tentar encontrar soluções perfeitas para os problemas, com a astuta defesa de suas crenças e teorias.

Este é realmente o grande dilema. Viver no Noia sambando, tolerando o intolerável, desfrutando das emoções de uma verdadeira família, assistindo aos filhos jogar bola e soltar pipa, sentindo aquela estranha sensação de falta de paz e acreditando que o mundo é assim mesmo. Ou, do modo como vivemos hoje - eu e meus pares familiares, cercados dos apetrechos concretos e simbólicos, falsificando, embriagando, entorpecendo e disfarçando a realidade para se achar finalmente feliz.

TODA HISTÓRIA TEM SEU COMEÇO

De origem muito humilde, descendemos diretamente de ex-escravos, e meu avô, Sr. Isidro, pai de minha mãe, era filho de um capitão do mato – capataz mestiço que capturava escravos fujões em troca de recompensas. A mãe dele, portanto, avó de minha mãe, veio de Angola e chegou ao Brasil, grávida. Supõe-se que em decorrência de um estupro, pois o tempo de viagem não permitia que ela parisse oito meses depois da chegada ao território paraibano. Desse modo, o seu filho que se tornaria, já no fim da adolescência, um capitão do mato e que, provavelmente, era filho de um português, chegara à Paraíba, ainda no ventre de sua mãe, por volta de 1882, período em que já era proibida oficialmente a compra de escravos.

Em 1968, em virtude de uma forte seca que castigara todo o Nordeste desde a segunda metade da década de 1960, minha família foi aumentar a estatística dos migrantes nordestinos que engrossam os cinturões das inúmeras favelas existentes na Cidade Maravilhosa.

Nesse período, o Brasil vivia um momento de intensa conturbação política, proporcionada pelo golpe militar de 1964 e pelo AI-5, de 1968. Nessa época, o governo militar patrocinou o exílio, expulsão, tortura e morte de grande parte dos intelectuais de nosso país, causando dessa forma consequências históricas, culturais e sociais até hoje sentidas.

Com a chegada ao sul-maravilha, as dificuldades se proliferaram, pois, além da precariedade da moradia encontrada na chegada, os adultos encontravam empecilhos na busca de um emprego decente e compatível com a fantasia que era propalada entre todos os nordestinos que chegassem ao Sudeste. As ocupações conseguidas pelos nossos conterrâneos raramente chegavam a ser de chofer de ônibus. Nossos empregos, em geral, eram de serventes de pedreiros, pedreiros, ajudantes de carga, garçons, e, no caso das mulheres, piniqueiras e prostitutas, entre vários outros subempregos destinados pela elite dominante aos estrangeiros de cabeça chata, sotaque puxado e pele mesclada.

Diante dessas condições reais, a saudade da terra de origem é um ingrediente que aflora naturalmente. Acredito inclusive que essa saudade, o *banzo*, como era chamada pelos africanos feitos escravos enraizavam-se em cada um e entre todos, trazendo a lembrança da terra natal e possibilitando uma espécie de união no grupo. O banzo dos mais velhos provocava nos mais novos o conhecimento sobre o que havíamos deixado para trás. Lembro-me do meu avô, seu Isidro, falando da música de Jackson do Pandeiro, dos forrós em latadas durante as noites de lua cheia e os seus relatos da feira de Campina Grande, a qual tive a alegria de visitar algumas vezes antes da partida para o Rio. Cheguei ao Sudeste quando completara seis anos.

Ele, quando podia, como que para reviver a Paraíba, ia à feira de São Cristóvão, localizada no bairro de mesmo nome, onde se comercializam produtos genuinamente nordestinos. Queijo de coalho, farinha quebradinha, carne de charque, inhame, fubá de milho, discos regionais, entre outros, são os produtos que encontramos em São Cristóvão.

O JARDIM NOIA E SUAS PARTICULARIDADES

Em alguma medida, o bairro em que morávamos era uma espécie de campo de concentração, composto por pessoas que provocavam xenofobia nas outras que podiam participar dos avanços oferecidos pela cidade maravilhosa. Em nosso bairro, além dos nordestinos, moravam pessoas de outras regiões brasileiras, mas tínhamos em comum a miséria material, a saudade de algum lugar bem longe, a cor da pele, o envolvimento comunitário e as dificuldades de acesso aos equipamentos de cultura, de lazer ou de produção do conhecimento. Sobre esse acesso, lembro o simples ato de ir à praia. Era uma verdadeira aventura.

Nossa casa ficava a quarenta quilômetros de Copacabana, portanto, para irmos até lá era necessário apanharmos três ônibus. Acordávamos às seis horas da manhã e chegávamos à praia mais famosa do mundo por volta das dez horas. O retorno era pior: as conduções estavam mais cheias, fazíamos longos percursos em pé, o calor era insuportável e chegávamos exaustos em casa.

Jardim Noia, esse era o nome do bairro onde morávamos. O Noia, como era chamado pelos meninos, localizava-se em Villar dos Teles, no município de São João de Meriti, Baixada Fluminense. E o Noia está lá, cada vez pior, cada dia menos habitável. Nossa casa ficava na Rua Nossa Senhora dos Navegantes, em frente a qual havia um pé de tangerina, que lembro, nunca deu um fruto sequer.

Numa rua após a nossa havia um pedaço de rio sem vida, conhecido como canal Sarapuí, que recebia lixo químico de algumas indústrias instaladas nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e no bairro de Belford Roxo, o qual mais tarde se tornaria cidade. Além dos insumos tóxicos, eram despejados nesse rio morto todos os dejetos gerados na circunvizinhança.

Antes de verter seu conteúdo na Baía da Guanabara, o canal podre alegrava a meninada que se divertia atravessando-o ou caçando inutilmente preás ou rãs que viviam por ali.

O aroma exalado pelo infeliz Sarapuí variava conforme as estações do ano e, mesmo não esquecendo a catimba nas manhãs de março, o pior acontecia nos últimos meses do ano quando o vento soprava do canal para a casa.

Sobre o canal, existia uma passagem apelidada de Três Pontes, que dividia os municípios de Nova Iguaçu e São João de Meriti. Na margem oposta a que morávamos, podíamos ver as edificações da Favela do Dique.

As Três Pontes eram conhecidas em todo o Rio de Janeiro por ser um abrigo ideal para se praticar o ato de desova – local onde os matadores dispensam os corpos de suas vítimas – portanto não era incomum vivenciarmos invasões da polícia no Dique ou no Noia. Morávamos à margem do rio, éramos literalmente marginais e, portanto, de fato, muitas vezes nos sentíamos muito mais seguros

na ausência dos policiais que invariavelmente cometiam arbitrariedade com quem era trabalhador.

O medo de atravessar a tal ponte era um sentimento comum, podemos dizer até que era um medo cultural, herança repassada dos mais velhos aos mais jovens, principalmente, se a travessia fosse noturna.

Eu, quando garoto, fui obrigado a viver essa experiência, pois, de 1980 a 1983, cursei eletrônica na Escola Técnica Belford Roxo e, se no primeiro ano frequentei-a pela manhã, nos anos seguintes, ou seja, durante três anos, precisei fazer meus estudos técnicos no turno da noite. Necessariamente cruzava as Três Pontes com medo, porém nunca fui molestado em minhas passagens pelo local, mesmo com as aulas terminando às 22h30min e, portanto, tendo que fazer a travessia por volta das 23h20min.

Em certa ocasião, contudo, presenciei a ação de um grupo de extermínio que procurava um de seus eleitos para prática de tiro ao alvo. Nesse fatídico dia, o referido grupo não estava permitindo que o ônibus da linha Nova Iguaçu/Jardim Redentor, essa a condução que usávamos, circulasse até o final da linha.

Sendo bastante conhecido de motoristas, trocadores e até de alguns dos integrantes da turma de tiro da Baixada, fui gentilmente persuadido a aceitar uma carona no carro do bando de caçadores da noite. Sentei no banco traseiro do veículo, um Maveric preto, sem capota ou

portas, e fui conduzido, com toda segurança possível, até o outro lado da ponte

Pois é, queridos amigos de bar, esse acontecimento ficou marcado para sempre em minha memória, e suas cicatrizes mesmo não deixando marcas expostas na pele são parte da minha carne.

A FAIXA DE GAZA VIETNAMITA

A violência era banal naqueles dias no Noia. Não era difícil, ao sairmos de casa para trabalhar ou estudar, darmos de frente com um presunto no chão, crivado de balas e com a boca cheia de formigas. Ver, porém, não era o que mais me assustava, o que me tirava o sono e viria a deixar marcas profundas em minha alma seriam os gritos das vítimas durante os rituais de tortura.

Alguns garotos eram tão acostumados com essa carnificina que, pela manhã, combinavam entre si para irem apreciar os corpos de quem nunca mais na vida daria um grito sequer. A conduta ética estava clara: se a polícia perguntasse, ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, ninguém sabe de nada. Afinal, nenhum de nós queria acabar com a língua cortada, um tiro de escopeta no peito ou com o corpo incendiado.

O mais importante e estranho que posso lhes dizer é que, de algum modo, nos sentíamos seguros, mesmo vivendo nessa Faixa de Gaza vietnamita.

A nossa segurança só era quebrada em dois momentos: primeiro, quando o mandachuva do tráfico era morto e se fazia necessário que ocorressem assembleias para decidir sobre os postulantes ao cargo. Nesses casos, a democracia que imperava era a da bala e, sendo assim, tornava-se perigoso sair na rua a qualquer hora porque podíamos acabar envolvidos em alguma situação inesperada.

O segundo momento de insegurança era mais raro, entretanto, não menos perigoso. Ele acontecia quando alguma quadrilha de nosso bairro fazia um grande negócio envolvendo gente importante.

Certa vez, uma galera do Noia fez ganho em uma casa de praia nas proximidades do Rio das Ostras – região dos lagos, local que abriga várias casas de veraneio da classe média carioca. O lance foi barra pesada, jogo duro mesmo. Nossos vizinhos roubaram muitas coisas, mas, avaliando que não tinham levado o suficiente, praticaram atos não muito cordiais com as mulheres da casa e ainda marcaram com cabo de revólveres cicatrizes nos rostos dos homens. Para azar do bando, um dos tatuados com as marcas dos revólveres era gente grande, ou seja, tinha poder e influência perto da banda podre da polícia, e com isso chegou informação à boca miúda que a ordem dessa vez era de que não deveria escapar ninguém pra contar história.

A banda podre da polícia do Rio é de fazer inveja ao mais cruel e inescrupuloso grupo de extermínio e, sendo assim, não escapou nenhum mesmo para contar história. Um deles, conhecido como Biro, morreu no Dique, às 10h da manhã, na frente de uma turma de moleques que jogava bola no Campo do Jurema. Ele foi assassinado com uma rajada de metralhadora no dia que fazia 18 anos, mesma idade que eu tinha na época.

Biro, pode-se dizer, era um cara gente boa, não batia bola, mas jogava capoeira. Sua mãe ganhava a vida vendendo salgadinhos pelas portas do bairro. Ele teve como professor um tio chamado Mazinho, sujeito possuidor de violência e autoritarismo impressionantes e que durante certa época dominou o comando do crime no local.

Um dia, por volta das 21h, havia falta de energia e fazia um calor infernal, mas a noite era de lua cheia e todo mundo estava na rua. A meninada encontrava-se jogando pique bandeira – uma linha dividia dois times e o grupo que apanhasse a bandeira do inimigo e chegasse a seu campo primeiro era declarado vencedor. Nesse mesmo instante, o bando de Mazinho, na presença do Biro, dividia alguns ganhos no Campo do Jurema, quando um dos participantes da reunião discorreu do montante que lhe caberia receber. Instalou-se a assembleia e o discordante, que era casado com uma prima de Biro, levou dois tiros.

O Campo do Jurema ficava no fim da nossa rua, a Nossa Senhora dos Navegantes, a uns cem metros de onde os guris brincavam. Foi daí que o baleado veio correndo e gritando, cambaleando como se estivesse fortemente embriagado, batendo na porta de um e de outro, pedindo socorro. Ninguém haveria de socorrê-lo, pois atrás dele vinha o Mazinho, com uma frieza glacial, os olhos fixos na vítima, passos seguros, mascarando chicletes, portava uma arma de fogo na mão direita.

Em seu desespero, o futuro moribundo encontrou uma janela aberta, pulou-a e escondeu-se embaixo de uma cama. Da janela do cubículo, Mazinho dizia profeticamente: “Sai daí, não quero te matar na frente da gurizada, vamos voltar pro campo!” .

O morto-vivo, se ouviu, não sei de fato, nem fiquei para ver, corri para casa e não deu para ouvir a resposta do parente de Biro, mas posso afirmar que meus ouvidos e minha alma definiram que muitos tiros foram disparados.

No dia seguinte, soube pelos comentários dos outros que, ao afastar-se do local onde matou o seu opositor, Mazinho saíra caminhando normalmente e cumprimentando as pessoas como se nada de anormal tivesse ocorrido ali.

E, no dia seguinte, lá estava a polícia fazendo as suas investigações. Lembrome bem do investigador que ficou responsável por encaminhar o caso. Ele era alto, barrigudo, o rosto cheio de acnes, andava com a camisa desabotoada até o meio da imunda barriga e dirigia um automóvel modelo Chevete de cor vinho, relativamente novo.

Na frente da casa em que se praticou o crime, ficava a bodega do seu Timbú, onde os homens adultos jogavam sinuca e bebiam na esperança de ganhar a simpatia de uma das moças que moravam na dita residência.

O homem da lei, na convivência da investigação, acabou envolvendo-se sexualmente com uma dessas mulheres.

Episódio que vou relatar a seguir foi o primeiro exemplo que me fez desacreditar que a polícia estaria na sociedade para me proteger.

Em um fim de tarde qualquer, quando me dirigia para a escola, passei na casa de um colega que morava nas imediações da delegacia de São João de Meriti para apanhar um livro. Próximo, exatamente na esquina da rua principal com a rua que dava acesso à casa do meu colega, existia um restaurante. Para meu completo espanto, estavam lá o investigador de polícia, minha vizinha, moradora da casa onde se praticou o crime e o assassino Mazinho, conversando animada e amigavelmente. Esse último, sabendo que eu conhecia bem o código de ética de minha quebrada, tinha amor a minha vida e que, portanto, não diria nada a ninguém, me cumprimentou com um sorriso irônico de canto de boca.

Na minha cabeça de garoto começaram a surgir várias perguntas: o que o detetive fazia ali? A polícia não deveria ficar contra os assassinos? Quem era mais bandido: Mazinho ou o detetive?

Ao mesmo tempo, eu era levado a pensar que, assim como o assassino, a polícia também mata. Parece estranho, e perdoem-me as dúvidas camaradas, mas lhes digo que nunca tive medo do matador Mazinho tanto quanto na hora que avistei aquele horroroso investigador. Eu me pelava de medo dele.

A RUA DA LAMA

Bem no meio da Rua da Lama – como era conhecida por estar em nível mais baixo que as demais, o que fazia com que ela, na época das chuvas, fosse a primeira a encher e a última a secar – encontrava-se a igreja católica brasileira do padre Zeca, que administrava um orfanato em seu próprio terreno. O padre mantinha um acordo com a Secretaria de Justiça do Estado que garantia ao orfanato determinado recurso para abrigar, alimentar e educar menores infratores que não tinham família.

Os “órfãos da sorte” ou “desafortunados” – para usar os termos do presidente da República Nilo Peçanha, quando em 1909 criou as Escolas de Artífices e Ofício – se misturavam aos pivetes do Noia, aumentando, assim, a complexidade do entendimento sociológico sobre aquele lugar.

Indivíduo de características marcantes, o padre falava grosso, parecia querer assustar seus interlocutores. Tinha muitos filhos biológicos, alguns assumidos, a maioria misturada com os internos, tinha até filhos com as internas. Criava muitos cachorros e não gostava de nossa família em virtude de seguirmos as orientações da igreja romana. O velho Zeca, porém, guardava imenso respeito pelos meus avós. Nordestino, nascido em Sergipe, foi ser padre para fugir ao desemprego.

O sino da igreja que tocava sempre, e quase sempre impontual, fosse às 6 da manhã, ao meio dia ou às 6 da noite, era mais uma das tantas marcas da Rua da Lama. A última badalada tinha uma importância ímpar para meus irmãos menores. Se as luzes dos postes se acendessem ou o sino tocassem na hora do crepúsculo – fosse o que acontecesse primeiro – todos sabiam que deveriam estar em casa prontos para o banho. Se, por acaso, isso não ocorresse, Tia Pilá, certamente, armada com uma varinha de goiabeira, estaria a esperar, pronta para esquentar o lombo da negrada impontual.

A VARINHA DE CONDÃO DE DONA CLARICE

Em algum momento do meu processo educacional e, em virtude de minha dificuldade de aprendizagem, deixei as aulas de Dona Clarice, que era apenas professora de alfabetização, e fui estudar no citado orfanato.

Digo a vocês que, mesmo não tendo evoluído muito nas matérias da ciência ou nas disciplinas necessárias ao caminho pedagógico de um pré-adolescente, minha vida no orfanato, em termos de vivência e convivência social, foi muito oportuna. Conheci o Miguelão, negrão, gente boa, de quem ainda sinto saudade, e me tornei amigo do Ciço, um dos muitos filhos do padre Zeca. Nós três, juntamente com Quincão, morador da rua de trás, mais tarde, formaríamos um grupo de dança de rua.

Tive imensa dificuldade na alfabetização. Sobre isso, penso que minha migração muito precoce somada à dislexia, deficiência esta descoberta somente depois dos 30 anos, ocasionou certa instabilidade psicológica que prejudicou esse início de processo de escolarização. Minha irmã, um ano mais jovem, pelo que me lembro, aprendeu a ler e a escrever primeiro que eu, entretanto, quando ingressamos no colégio, acabei tendo um desempenho condizente com o que nos era exigido.

Nossa família não pode lembrar-se de educação sem pensar em Dona Clarice.

Essa mulher foi professora de todos os nossos irmãos, melhor dizendo, foi Dona Clarice quem alfabetizou toda a menina-da do bairro e adjacências.

Professora conservadora, usava uma varinha para ameaçar quem não acompanhava a lição. A sala de aula, parte na cozinha e parte na varanda, recebia durante toda manhã a sombra de uma mangueira. A minha primeira professora sabia que tinha que ser dura com a molecada. A realidade social era brutal, sendo assim, a sua varinha de açoite, em relação ao que vivíamos fora da sombra de sua mangueira, transformava-se numa varinha de condão.

Nem mesmo o conservadorismo dessa maravilhosa alfabetizadora fez com que ela deixasse de se aproximar do grande educador pernambucano, Paulo Freire, que viveu a experiência de se alfabetizar à sombra de uma mangueira e até usou isso como motivo para intitular um de seus mais prestigiados livros.

Foi precisamente Dona Clarice quem me iniciou na compreensão das palavras e, de alguma forma feiticeira, com sua varinha, ora mágica, ora de açoite, deu-me a possibilidade de entender o mundo indissociável – como nos diz Paulo Freire – em seus códigos simbólicos e concretos.

Apesar de ter vivido minhas primeiras experiências de alfabetização sob a orientação de minha avó, ainda na Paraíba, minha alfabetização mesmo, de vera, se deu com Dona Clarice.

Dona Cassiana, minha avó, não conseguiu me ensinar a ler nem a escrever, mas juro que, pelo ritual que ela criava na hora de me indicar as primeiras letras, eu ainda queria estar lá. As lembranças daquele ritual hoje me remetem ao poeta maldito Walt Whitman: “e não foi fácil seguir adiante, pois eu teria querido ficar ali flanando o tempo todo, cantando aquilo em cânticos extasiados”.

Por volta do fim dos anos sessenta, minha generosa avó, mãe de minha mãe, pegava um papelão, colocava-o por sobre a fumaça de uma lamparina, fazia a letra a com seu dedo por sobre a borra da fumaça, depois pedia, dando um cheiro em meu pescoço, que eu repetisse a letra ao lado da que estava feita.

Essa data é realmente muito forte pra mim. Traz lembranças da Copa do Mundo realizada no México, quando a seleção de Pelé, Tostão, Rivelino, Gerson e Jairzinho e outros foi a tri-campeão e cujo jogo final do Brasil *versus* Itália me emocionou muito. Além disso, era a primeira vez que eu via uma televisão. Era do Seu Pedim, irmão do Tio Jotão. Eu tinha seis anos e, com a mudança de parte da família para o Rio de Janeiro, incluindo o meu avô, eu já era o homem da casa.

Meses depois, eu, minha avó, minhas duas tias e minha irmã fomos nos juntar aos demais que tinham ido morar na cidade maravilhosa.

Aos onze anos, fui para um colégio do Estado chamado de Aníbal Viriato de Azevedo. Por falta de vaga na série ini-

cial, e por minha idade, propuseram à minha avó que eu fizesse um teste de nível. Com o consentimento de minha avó e com os ensinamentos de Dona Clarice, o teste não apresentou empecilho para minha admissão à quarta série, último período do antigo primeiro grau menor.

A PROLE

Após a chegada ao Rio de Janeiro, nossa família começou a aumentar. Tia Pilá e Tio Jotão, que já tinham o Ninho, nos deram o Gago, o Terra Quente e, por fim, a Candolina. A Tia Cheirosa teve o Dando e o Kiko. Tio Mandu com Tia Branca tiveram a Lerita, o Cabelo e o Nido, que é meu afilhado. Tia Nega deu à luz a Prisca e, a minha mãe ao Binha.

Esses treze meninos, em idades que variavam de um a dezessete anos, infernizavam a vida de Tia Pilá, a qual era incumbida, juntamente com vovó, da difícil tarefa do cuidado diário. Os demais adultos, homens e mulheres, trabalhavam ou procuravam por um emprego assalariado.

Minha avó, que teve um total de quinze filhos e que, dadas às condições objetivas do interior da Paraíba terem permitido que apenas cinco sobrevivessem, lamentava não estar com todos os rebentos a sua volta. E comentava sempre em tom melancólico que a melhor coisa que havia nessa vida era a convivência com os filhos e como seria bom se todos estivessem vivos.

Se não mencionei o nome de alguns dos nossos progenitores, como por exemplo, o do meu pai, é que nunca tive o prazer de avistá-lo uma vez sequer, mesmo que de longe.

Essa parece ser outra marca importante na nossa comunidade. O meu ir-

mão Binha, que tem dez anos menos que eu, também conviveu com o fato de o pai o abandonar precocemente. O pai dos filhos da Tia Cheirosa, até hoje, é uma polêmica. O certo é que ela teve um casamento pouco duradouro que a deixou com dois filhos e a fez casar-se novamente. A filha da Tia Nega conheceu e conviveu com o pai, mas alguns acontecimentos desagradáveis não o credenciaram a ser incluído como membro dessa conflituosa família. Portanto, os apresentados anteriormente são, de fato e de direito, os integrantes dessa família, pois viveram sob a guarda do magnífico guarda-chuva que se constituía em torno de nossos avós, de modo especial da Dona Cassiana.

Vivemos boa parte da vida praticamente na mesma casa, criados pelas mesmas pessoas, comendo a mesma comida, experimentando problemas comuns, dividindo roupas – o que, em certa medida, ainda fazemos hoje – chorando e rindo dos mesmos casos. Em nossa família ficou muito comum não se identificar quem era filho de quem. Até hoje, quando vamos nos apresentar a terceiros, ficamos em dúvida sobre o que dizer e acabamos confundindo o apresentado. Esse fato faz-me lembrar de Stive Biko, um dos principais líderes da resistência sul-africana contra o sistema de segregação racial, conhecido como *Apartheid*. Biko dizia mais ou menos assim: “Meu irmão é meu irmão; meu primo também é meu irmão, pois é filho da irmã de minha mãe; minha tia também é minha irmã, pois é irmã de minha mãe”.

Assim, vivíamos no Noia, muitos meninos, unidos, brincalhões e causando problemas para vovó e Tia Pilá. Eu e o Gago sempre tivemos problemas respiratórios e ainda por cima representávamos a amostra chorona da família. Por qualquer coisa estávamos às lágrimas. O Nininho era o azarado do grupo, acontecia de tudo com o pivete: ele caía em poço, vivia se cortando em caco de vidro, despencava sem ter nem porque das árvores e, uma vez, o Terra Quente lhe aplicou uma latada na testa que lhe valeu cinco pontos.

O Terra Quente, cujo apelido pode ser bem justificado, era meio hiperativo. Até quando estava parado, ficava balançando as pernas, igual a um daqueles antigos *Pic-up Bandeirantes* em ponto morto.

O Binha, que hoje pesa mais de cem quilos, um dia, quando criança, quase morreu, adoeceu e chegou a ser desenganado pelos médicos. Na época de sua doença, vovó, que não desistiu do neto, disse à nossa mãe: “Traga o menino para morrer em casa!” Quando o moleque desnutrido e amarelado chegou do hospital, ninguém acreditava que fosse “escapar”. Minha avó operou milagre com todo um cabedal de mandingas, com chá de cebola roxa dormida no sereno e cabeça de galo - espécie de caldo feito com ovo e farinha - salvou o negão.

Bidoca era a mais tranquila do grupo e, de certa forma, ajudava a pastorear o resto do bando. O Dando tinha a língua presa, a Lerita era, e ainda hoje é, a

figura mais linda da família - a mulher é bonita de nascença. O Nido, meu afilhado, sempre foi preguiçoso. O Cabelo, calado e risonho, Prisca, que não nega o nome, completamente espevitada, Candolina, a mimada, acabou fazendo opção de seguir carreira religiosa, atualmente está meio em dúvida se que mesmo ser freira. E, para concluir a apresentação, temos Kiko, o mais jovem dos homens, que sempre foi meio molão e protegido pelos demais. E, ainda, o Marcelão, um ano mais velho do que eu, e irmão de Tia Branca, sujeito sisudo, portador de muita força física e pouco humor, que vovó assumiu a maternidade.

ÁGUA, SEDE E ENCHENTE

Em dois terrenos existiam três casas. De um lado da rua, no quintal onde ficava o pé de tangerina estéril, era a casa de meus avós. Nos fundos desta, estava a do Tio Mandu e Tia Branca, do outro lado da rua ficava a casa da Tia Pilá e do Tio Jotão. Quase de frente à igreja localizava-se a moradia da Tia Nega, e a residência da Tia Cheirosa era na rua de trás, próximo ao Campo do Jurema.

Vocês lembram quando lhes falei que tínhamos uma forte referência comunitária, pois bem, o encanamento da água potável das casas da Rua Nossa Senhora dos Navegantes fomos nós, os moradores, que fizemos com nossas próprias mãos.

Não tínhamos água encanada e, para piorar a situação, o fluido que saía dos poços era amarelado, fedorento e salobro, sem condições até mesmo para consumo animal, pois sequer os gatos ou os cães bebiam dele. Acredito que essa água era ruim assim em virtude da proximidade com o canal Sarapuí. Nós a usávamos para dar descarga no banheiro. A água em condições de consumo, mais próxima, ficava distante um quilômetro, ou seja, do outro lado das Três Pontes. O dia que a minha Tia Pilá escolhia para lavar as roupas era aquele sacrifício para mim e para o Marcelão.

Como éramos os mais velhos, e a força física dos homens liberava Bidoca para ajudar na lavagem dos panos nos dias

mais puxados, isto é, com muita roupa suja, nos obrigava a fazer, cada um, de duas a três viagens por dia. Trazíamos a água em rolas – nome dado a barris de vinho com capacidade para cem litros e que era complementado com um aparato que ajudava a reduzir seu atrito com o chão. Os barris eram completados por duas rodas de borrachas equidistantes e ajustados em sua parte central e, ainda, com ferros nas laterais que possibilitavam serem eles guiados.

Guiávamos os rolas como se fossem carros de corrida, brincávamos a viagem toda, era uma verdadeira curtição. Às vezes, a tampa de um dos barris soltava, e perdíamos o valioso líquido o que acarretava mais viagens.

A associação de moradores, ou melhor, a União dos Moradores do Noia, cuja sede ficava num terreno antes de propriedade do Tio Jotão e que fora doado pela sua esposa Pilá, tinha seu Isidro, meu avô, como presidente, que, diante da dificuldade de acesso à água e insatisfeitos com o tratamento dado à comunidade pelos órgãos públicos, organizaram a seguinte intervenção: fazer um gato – furar o encanamento da distribuidora de água sem autorização legal – na tubulação de água potável da empresa de saneamento do Estado e distribuí-la para todas as residências. Os moradores acataram a ideia e se reuniram para comprar canos, conexões e demais acessórios necessários para tal operação.

Vale destacar a importância do Tio Jotão nesse episódio. O danado liderou

o grupo na escavação e, ainda por cima, emprestou dinheiro para que a associação comprasse o material necessário.

Com a ajuda de um técnico da Companhia de Água e Esgoto do Rio de Janeiro, furamos o cano da adutora que passava na Avenida Automóvel Clube, colocamos um registro e descemos a encanação para todas as casas do bairro.

A noite da instalação foi honrosa, me senti gente pela primeira vez na vida. A alegria demonstrada na fisionomia de cada morador, quando abria a torneira e via gotas pingarem e inundarem o seu quintal, era de uma expressão tão forte que nos fazia pensar, ingenuamente, que não existiria mais em nenhum lugar do mundo qualquer tipo de sede.

Esse evento faz-me lembrar de uma passagem bíblica, o capítulo quarto do evangelho de João, quando Jesus, no meio do cansaço do dia, se encontra com a samaritana – os samaritanos eram considerados povo de segunda classe pelos judeus – pede água, e diante da admiração e surpresa da mulher que diz: “Como pode o filho de Deus me pedir água?” Jesus responde, para surpresa da mentalidade machista e da xenofobia da época: “Se você beber a água que mora em mim, nunca mais sentirá sede.”

Nós, do Noia, ficamos alguns anos desobrigados de pagar uma gota sequer desse líquido precioso. Naquele dia, tomei banho de madrugada, molhei-me bastante, sonhando com um chuveiro, promessa de meu avô para quando a

tão esperada água chegasse. Lembro até hoje, e jamais esquecerei, o dia que tomei o primeiro banho de chuveiro lá em casa.

Pois é, não lembro bem meu primeiro banho de banheira com hidromassagem, está mais forte em minha lembrança o dia em que inaugurei o chuveiro do banheiro da minha casa do Noia.

Mas, mesmo a água em abundância nem sempre traz boas recordações para nós. Quando chovia forte, principalmente nos primeiros meses do ano, o nojento rio Sarapuí transbordava e jogava sua imundície em nossas casas. Era um verdadeiro sufoco, pois tínhamos que colocar os móveis em cima de outros, subir de alguma maneira as roupas, mantimentos, eletrodomésticos e demais utensílios sem resistência à água. Quando esse fenômeno ocorria durante a noite, os problemas se agravavam. Em geral, todas as pessoas que moravam nas casas mais baixas abrigavam-se na casa da Dona Clarice ou na residência da Tia Nega. Essas eram as duas residências mais altas da nossa quebrada. No dia seguinte, era aquele lamaçal, lixo por todo canto, restos de animais mortos pelo quintal, ratos e insetos circulando pela lixarada.

A gurizada curtia esse estado de guerra, iam tomar banho no rio cheio, o que mascarava a sua sujeira. Inventávamos esportes aquáticos e fantasiávamos embarcações fictícias em mares bravios, repletos de piratas e donzelas indefesas.

Um dos nossos brinquedos prediletos era pegar um simples pedaço de tábua amarrada pelas extremidades com barbante, jogá-lo na correnteza e ficar controlando, como se fosse uma embarcação necessitando de um hábil timoneiro.

O dia de chuva pesada no Noia nos traz a realidade descrita pelo grupo Nação Zumbi, na música *Quando a maré encher*: “Cachorro, gato, galinha, bicho de pé/e a população real/convive em harmonia normal/faz parte do dia-a-dia/banheiro, cama, cozinha no chão/esperança, fé em Deus, Ilusão/tomar banho de canal/quando a maré encher”.

Em meio a tanta impossibilidade de higiene, não seria estranho entender minhas constantes crises de bronquite asmática e tudo quanto é doença comum a todos do Noia. Lembro certa vez, já na adolescência, quando contraí uma micose que me fez perder todos os pelos do corpo. Fui sempre moleque magrelo, comprido, cheio de *lombriga* no bucho e portador de dois olhos bem arregalados. A verminose mencionada, inclusive, acompanhou-me durante parte da adolescência como um dos apelidos prediletos dirigidos à minha pessoa pelo resto dos pivetes.

AS BRINCADEIRAS

Para a molecada do sexo masculino, a diversão principal era jogar futebol e, nos meses de férias escolares, saltar pipa. As meninas pré-adolescentes e adolescentes não se interessavam muito pelas brincadeiras dos moleques, creio que por serem sempre no meio da rua e, invariavelmente, no sol quente.

A grande exceção acontecia no futebol. As meninas tinham um time no qual a minha irmã Bidoca, orgulhosamente, era uma das craques. Mas, de forma geral, no Noia, as crianças do sexo feminino brincavam de bonecas, de casinha, de cozinhar ou de medicina, quando faziam cirurgias em grilos, calangos ou outros indefesos bichos encontrados nos quintais das redondezas.

O nosso campo de futebol era chamado de Bacia. O nome foi atribuído ao local em virtude da irregularidade espacial do terreno. Um dos lados maiores do retângulo que dava forma ao Bacia ladeava o rio Sarapuí. O outro lado maior desenhava fronteira com a Rua Nossa Senhora dos Navegantes, uma das cabeças deste campo formava divisa perpendicular com o Campo do Jurema e, por fim, o outro lado margeava um pequeno canal que desembocava no Sarapuí.

Tínhamos um time batizado por seu idealizador de Força Jovem, organizado e dirigido pelo Anão. A escalação mais comum era: Bê no gol; Gardelino na lateral direita; eu na zaga central; seu Delão

completando a quarta zaga; na lateral esquerda, atuava o Seu Chico; o quarteto de meio-de-campo, era formado pelo Pará, Rominha, Jorgito e o craque do time, Zé Cabeça; o ataque era completado por Azul e Quincão.

O nosso maior rival era o time do Dique. Nos domingos desse clássico, o campo ficava lotado por parentes e amigos dos jogadores, curiosos e apaixonados por futebol. Na semana que antecedia o jogo, podíamos presenciar os animados comentários e apostas realizadas entre as duas comunidades.

Quase sempre o seu Timbu, que era pai do Delão, prometia uma caixa de cerveja e outra de refrigerante se nós derrotássemos o adversário. Para quem fazia o gol da vitória, o grande prêmio era ficar no decorrer da semana seguinte como herói do bairro.

Nossas pelepas ocorriam, na maioria das vezes, aos domingos e sempre às dez horas da manhã. No verão, o sol era de pelar, mas o prazer de defender as cores do escrete alvo e rubro do Noia era indescritível.

Como todo clássico que se preza, e esse jogo como tal não podia ser diferente, não existia favoritismo. Durante as partidas aconteciam muitas contusões e confusões que desencadeavam brigas e geravam muitas expulsões. Em uma dessas, saí com o braço fraturado e o gosto da derrota entalando minha garganta, que acabava doendo mais que o machucado no braço. Lembro que o jogador que

mais fez gols na história desse confronto foi o Quincão, o negão dificilmente passava em branco.

Após os jogos, independente do resultado, íamos para a bodega do seu Timbu resenhar o jogo e beber alguma coisa.

Meus caros, o fato de eu não ter sido um jogador de futebol profissional não se deu por falta de vontade ou ausência de tentativas. A verdade sobre eu não ter realizado esse sonho, que era meu e da maioria dos meninos do Noia, se deu única e exclusivamente pela minha completa falta de talento para a empreitada.

O ARRAIÁ DAS ANDORINHAS

As festas juninas constituíam-se em um momento de valiosa socialização e iniciação sexual para os adolescentes do Jardim Noia. Nesse bairro e nas adjacências, moravam muitos nordestinos e, desse modo, as festas eram organizadas fabulosamente, como um ritual para preservar os costumes da terra distante.

Entre os inúmeros arraiás que organizávamos, gostaria de destacar o das Andorinhas, por dois motivos: primeiro, pela grande importância que teve em minha vida particular e, segundo pelo seu final, cuja forma se revestiu em tragédia.

O *Arraiá das Andorinhas* tinha como sede o quintal da casa dos pais do Lulu, homem bonito, forte, alto e com muitos pelos pelo corpo.

Lulu era o mentor e organizador da quadrilha, merecedor de grande confiança da comunidade do Noia, via de regra, convencia até os pais mais céticos a deixar suas filhas adolescentes dormirem fora de casa com um bando de moleques.

Esse homem, porém, viveu boa parte de sua adolescência atormentado com sua homossexualidade, já que seus quatro irmãos, todos homens e autodenominando-se de machões, jogavam futebol e procuravam fazer toda a *mise en scène* solicitada socialmente ao sexo masculino.

Líder da festa e, creio buscando mostrar virilidade masculina, procurava namorar as moças que se interessavam por

ele. Uma dessas moças foi a minha Tia Nega que, desiludida com um grande amor, foi curar seus traumas nos braços do belo homem. Estava apontado que o romance não vingaria. Bastaram algumas semanas de namoro para minha fogaosa tia flagrar o bonitão agarrado com outro homem.

A quadrilha começava a ser organizada logo ao fim da Quaresma, estendendo-se até o começo do mês de julho, ou seja, todos os preparativos e os ensaios acabavam por volta do dia de São Pedro. As reuniões do grupo aconteciam sempre as quintas, sextas e sábados e começavam por volta das oito horas da noite, contudo boa parte da rapaziada já se fazia presente às seis e meia. Chegava-se antes da hora marcada para ouvir músicas, dançar, conversar e brincar.

Antes de falar sobre a quadrilha, quero descrever o meu primeiro beijo na boca que aconteceu quando brincávamos antes do ensaio. A brincadeira chamada por nós de *Pera, Uva, Maçã, Salada Mista*, acontecia com as meninas enfileiradas lado a lado e de costas para os meninos, que seriam escolhidos um a um por um coordenador, geralmente o Lulu.

O coordenador escolhia uma das meninas, que recebia uma venda nos olhos, apontava para um eleito na fila do sexo oposto e perguntava a menina: “Pera, Uva, Maçã ou Salada Mista?” Se a resposta fosse Pera, o escolhido ganhava um abraço; se fosse Uva, um beijo no

rosto, Maçã era uma bitoca nos lábios e Salada Mista era um beijo na boca com direito a chupões mútuos de língua.

Não posso e nem quero negar que esse era o meu brinquedo predileto. Em uma noite de sexta-feira, matei as duas últimas aulas e fui para a minha reunião preferida. Nem o frio, com a serração costumeira do mês de junho, impediu-me.

Chegando ao circo mágico que nos envolvia todas as noites, fiquei esperando vaga, pois a brincadeira já havia começado. Felizmente, um dos rapazes teve que ir embora e eu o substituí exatamente na hora em que a Sandrina estava sendo vendada. Fiz orações, pedi para Santo Antônio me dar forças, fechei os olhos e, quando os abri, o dedo rígido e pomposo de Lulu apontava para mim. Fiquei tonto de emoção e só escutei a voz suave da menina proferir a sentença: Salada Mista.

O mais surpreendente e maravilhoso naquele momento foi ver o sorriso da moça na hora em que o orientador da brincadeira tirou o lenço que encobria seus vivos olhos. Ao ver que o escolhido era eu, ela caminhou em minha direção com passadas comparáveis ao caminhar dos potros em dia de grande prêmio. Seu sorriso brilhava mais que os refletores do Maracanã em noite de jogo de decisão entre o Flamengo de Zico e o Vasco de Roberto Dinamite.

Inerte, petrificado pela emoção, eu não sentia as pernas nem os braços, apenas o meu estômago, cuja dor fina e cortante

dizia ao meu sistema nervoso que meu corpo era mais que apenas hormônios e corrente sanguínea.

O certo é que, quando dei por mim, existia uma língua acariciando a constelação do céu de minha boca, o que me levou a retribuir. Ficamos assim, trocando, compondo e tocando as estrelas um do outro por alguns curtos e infinitos momentos. Naquele instante, o universo se eternizou em meu entorno, estava ali cravado o maior prazer que a humanidade já havia me proporcionado. E graças aos preparativos para o Arraiá das Andorinhas.

Este arraiá era muito respeitado na Baixada Fluminense. Não era raro ganharmos competições estaduais de quadrilha. O nosso maior rival era o Arraiá da Amizade, do bairro da Piedade, que tinha como patrocinador a Universidade Gama Filho, instituição privada de ensino superior com sede no mesmo bairro. Em várias ocasiões que disputamos a primeira colocação com nosso rival, perdíamos ou ganhávamos com poucos pontos de diferença.

Lembro-me de uma disputa que realizamos na Marquês de Sapucaí, onde perdemos o troféu por apenas meio ponto. Nessa oportunidade, o Lulu quase agrediu um dos jurados que, alegando a queda do meu chapéu por um movimento brusco, diminuiu em um ponto a nossa nota. O arrojo nas coreografias era uma marca de nossas apresentações. Como não tínhamos grandes alegorias, nem

vestimentas sofisticadas, o que era evidente em nosso principal opositor graças a diferente condição financeira, investíamos pesado na forma de dançar.

Uma de nossas marcas era a coreografia em forma de roda gigante: formavam-se dois círculos onde os homens compunham o círculo externo e as damas formavam o círculo interno; entrelaçávamos os braços uns aos outros, as meninas sentavam-se na união desses, eram suspensas ao nível dos ombros, soltavam as mãos e balançavam lanternas compostas por uma armação de bambu envolvida com papel fino e contendo em seu interior uma vela acesa. Nesse momento, as luzes do ambiente se apagavam e nós ficávamos indo de um lado para o outro como se fôssemos um imenso vagalume em vai-e-vem. Esse era sem dúvida o ponto alto da nossa coreografia que foi sendo superado, ao longo dos anos, pelas quadrilhas concorrentes.

No último ano em que as Andorinhas competiram, eu fora escolhido pelo Lulu como puxador oficial e, conseqüentemente, par da rainha da quadrilha. A escolha do puxador era autoritária, indicada pelo próprio organizador e feita, segundo ele, obedecendo ao critério de animação nos ensaios. A escolha sempre foi respeitada pelo grupo e mudava a cada ano. O puxador e a rainha tinham a importante função de servir de referência para os outros pares, além de dinamizar e determinar o ritmo estético da apresentação. Ao coreógrafo e marcador dos passos, cabia a função de gritar a ordem ensaiada das coreografias e incentivar oralmente o grupo.

A escolha da rainha era um acontecimento que mobilizava boa parte da comunidade local e exigia grande empenho das candidatas. As meninas pré-selecionadas e postulantes ao mais alto posto permitido a dançarinas de quadrilha, organizavam bingos, rifas, vendiam prendas e promoviam festas na tentativa de arrecadar fundos de investimento para o grande dia. A candidata que captasse mais recursos participava da final, levando a vantagem de um ponto sobre suas concorrentes.

A grande decisão, que reunia um número considerável de torcedores interessados em votar em suas preferidas, acontecia geralmente no antepenúltimo ensaio e se transformava em oportunidade para arrecadação de dinheiro para a manutenção das viagens do grupo aos festivais. Nessa ocasião, eram montadas barracas com comidas típicas, carrinhos de bebidas, bem como solicitada a colaboração voluntária de quem quisesse e pudesse ajudar financeiramente o Arraiá das Andorinhas.

Cada moça que almejava o posto de rainha da quadrilha tinha que fazer sua performance em três minutos a fim de persuadir os presentes de que seria a melhor para ocupar o disputado lugar. Após a apresentação das candidatas, Lulu perguntava: “Ê essa? Ê essa aqui? Ê aquela? Ou aquela outra? Será então essa dali?” Contavam-se os braços levantados até se conhecer o resultado final.

É desnecessário dizer que o resultado invariavelmente causava polêmica, sendo necessária a presença do organizador da quadrilha na casa das perdedoras mais decepcionadas na tentativa de convencê-las a não abandonar o grupo. Geralmente, com o charme e poder de persuasão que lhe era tamanho, nosso líder conseguia tal feito.

O fim do Arraiá das Andorinhas, como adiantei, aconteceu de modo trágico. Fomos convidados para uma apresentação paga em um colégio no Jardim Redentor, primeiro bairro do outro lado das Três Pontes. Como a situação financeira do grupo não era boa, não pudemos alugar nenhum transporte, e o grupo foi a pé com a orientação do nosso organizador de andar em fila simples, um atrás do outro. O bando de adolescentes, porém, por considerar difícil, não seguiu a orientação dada, e o Lulu, embora muito sério e concentrado no que fazia, não era afeiçoado a disciplinar ninguém, portanto deixou livre.

De repente, a poucos metros da travessia das Três Pontes, quase diante da entrada da Favela do Dique, um carro modelo Brasília, de cor branca, em alta velocidade, com o motorista embriagado, saiu do asfalto e atropelou parte do grupo, matando três integrantes e ferindo outros quatro. Entre os mortos, estava a rainha, minha dama, que guardava em seu útero uma gravidez de gêmeos com cinco semanas, ainda desconhecida da família e do seu namorado, o que veio a aumentar a dor da perda. Morreu tam-

bém o Ferro Puro, braço direito do nosso líder e segunda pessoa na hierarquia das Andorinhas, e a Marinha, namorada do irmão mais novo do Lulu, que estava junto a ela e ficou gravemente ferido.

Nunca soubemos ao certo o que aconteceu com o motorista. Disseram que depois do acidente ele saiu correndo entre os barracos do Dique e desapareceu na escuridão. Varias outras versões surgiram. Uma delas afirma que ele foi jogado no canal com uma pedra amarrada ao pé; outra diz que ele foi servir de tábua de mira para a equipe de tiro ao alvo da favela; outra, ainda, defende que o tal homem ficou escondido por uma semana no matagal e depois fugiu para o interior de Minas Gerais.

O que de concreto se sabe é que nunca mais ele foi visto pelas redondezas do Noia e que a tragédia jamais foi superada pela comunidade. Alguns anos depois, o Lulu ainda tentou montar outro grupo, entretanto, foi crivado de críticas pela sociedade noiense, desistindo da tentativa.

Na hora do acidente, Zé Padeiro e eu estávamos no colégio do Jardim Redentor, realizando os preparativos para a apresentação. O Zé, que era meu chegado e um verdadeiro mulherengo, me convidou para ajudá-lo a preparar as alegorias, na intenção de paquerar uma menina do colégio, o que, segundo ele, compensava o duro trabalho.

Fomos para o local num fusca carregado de trecos necessários à apresen-

tação e guiado pelo padraço do Zé. Fomos salvos pelo acaso, pois, geralmente, quando a quadrilha se deslocava caminhando de um local para outro, éramos nós dois e mais Ferro Puro que balizávamos o grupo e, portanto, estaríamos no caminho do carro desgovernado.

GRÊMIO RECREATIVO SOVACO DA MINHOCA

Na nossa quebrada, havia um ponto de encontro e de lazer que proporcionava aos moradores a interessante oportunidade de apreciar o samba de vera, feito de maneira marginal, música vigorosa cujos elementos afrobrasileiros traziam letras questionadoras sobre quem éramos e o que representávamos para aquela realidade. A quadra do bloco carnavalesco Grêmio Recreativo Sovaco da Minhoca, cuja direção era distribuída entre os fora-da-lei endinheirados, craques de futebol, músicos da bateria e sambistas, era o lugar onde eu conseguia viver na maior moral. O samba sempre me fascinou com sua harmonia e criatividade e dançar constituía-se em uma atividade de enorme prazer para o meu corpo: era fechar os olhos, me deixar levar pelo balanço dos instrumentos e viver um estado de elevação. Desse modo, colava em Bidoca para aperfeiçoar-me com seus passos de distinta sambista.

O ponto alto dos encontros no Sovaco da Minhoca acontecia quando das eliminatórias para a escolha do samba-enredo que acompanharia o bloco da agremiação no carnaval seguinte. No segundo sábado de dezembro, era quando ocorria a semifinal e o final de semana seguinte ficava reservado para a grande festa da escolha definitiva.

Os compositores recebiam do Conselho Diretor da agremiação o mote em forma de tema e compunham os sam-

bas. No primeiro sábado de novembro, em uma grande festa, todos os músicos defendiam suas propostas em apresentações abertas para a comunidade e, assim, após todos os sambas-enredos serem conhecidos, eram agrupados em blocos de cinco e, em cada sábado subsequente, a comunidade escolhia um deles para concorrer na semifinal. Todos os sábados dos últimos meses do ano vivíamos grandes festas.

Não faltava diversão em nossa comunidade, principalmente quando dos preparativos para o carnaval. Era a tradição carioca presente no Noia.

Os bailes nos clubes dos bairros circunvizinhos e as festas organizadas na casa da galera também animavam nosso cotidiano. Eram as festas para dançar. A música predominante nesses bailes era o funk, mas também era proporcionada aos casais a opção de dançarem agarra-dinhos com as músicas lentas e, aí, formavam-se as paqueras.

Dançar uma música lenta com uma garota cheirosa constituía-se na melhor parte da festa e não era tarefa fácil. Encontrar uma moça para dançar colada no corpo, principalmente para quem já havia dançado funk e estava totalmente suado, exigia muita paciência e competência. E eu nunca desistia, ficava rondando o salão até que uma menina se propusesse a encostar o corpo em um rapaz molhado de suor.

O Varandão era o clube mais perto do Noia, localizado a uns dois mil me-

tros de nossa rua, em um bairro vizinho. Era o palco principal das apresentações do nosso grupo de dança de rua, quando, nas noites de domingo, íamos, eu, Quincão, Miguelão e Ciço, mostrar os passos coreográficos ensaiados no meio da Rua Nossa Senhora dos Navegantes. Se a dança nos proporcionava participar de concursos, o que nos motivava mesmo era a possibilidade de nos mostrarmos nos bailes para chamar a atenção da mulherada.

Existiam as festas que nós mesmos inventávamos. O grupo elegia a casa de um dos que tinha mais liberdade com os pais e colocávamos o som. As moças responsabilizavam-se por levar o que comer e os marmanjos tinham a incumbência de arranjar o birinaite. Desse modo, a farra estava garantida. Dançávamos até altas horas, a paquera rolava solta, os mais felizardos namoravam pra valer e outros iam apenas para comer e beber.

Em algumas oportunidades, ocorriam festas de aniversário, que eram as melhores, principalmente quando tinha alguma moça debutando. O costume do lugar mandava que a família patrocinasse aquela coisa cafona: vestido longo, cheio de babados e fedendo a mofo, e os quinze casais dançando valsa, mais parecendo um monte de jarros de estante. Nunca gostei de dançar valsa. O que eu achava legal era apostar com os outros afoitos moços quem dançaria primeiro uma música com a aniversariante e, quem sabe, arrancava-lhe um beijo.

Como dito, não fui um grande jogador de futebol, nunca toquei qualquer instrumento, dinheiro só tive em sonho e criminoso apenas fui em pesadelos, mas consegui me inserir na comunidade dançando e brincando muito nas nossas festas.

parte II

MAIS FLORES SOBRE ESSE JARDIM

O Jardim Noia, no período em que estivemos por lá, era um bairro tão ruim, tão mal localizado, fedorento e enlameado, que os grandes empreendedores da produção e distribuição do inebriante pó branco avaliavam o lugar como impróprio para a instalação de seus projetos *top line*. Nosso bairro, porém, tinha lá sua serventia para os negócios de menor importância na cadeia alimentar da hierarquia criminosa da sociedade carioca. Colaborávamos no tráfico do Rio de Janeiro com a produção e formação de mão-de-obra especializada para o crime. O exemplo mais paradigmático do que digo verifica-se na constante presença de ex-moradores do Noia entre os gerentes dos principais morros onde se desenvolve o negócio do tráfico. Essas crias de nosso bairro, que ascendem na profissão de negociante de pó branco, via de regra, ainda hoje, descansam no Noia. Não que eu considere o Jardim Noia um bom *spa*, mas, em certa medida, oferece boas condições de esconderijo, proporcionando aos bem sucedidos executivos do pó um local seguro e ameno para acalmar a adrenalina e dissipar a tensão contraída em tão emocionante e estressante cotidiano profissional.

O principal serviço prestado pelos técnicos de viração do Noia era roubo e depena de carros, ou seja, os veículos roubados vinham para o desmonte em nossa quebrada e se transformavam em incremento no segmento de autopeças.

Não eram carros importados ou de luxo, o nicho de mercado dos nossos malandros especializados era composto de carros fora-de-linha e cujas peças ajudavam na superação das dificuldades de reposição no mercado de consertos para carros usados.

Outro aspecto interessante para análise residia no fato de esse bairro, apesar de suas peculiares características de produção de recursos para criminalidade, não se tornar um dos inúmeros pontos de distribuição de drogas do Rio. O que se via com frequência, e até com certa naturalidade, era a venda de maconha que, geralmente, servia aos consumidores locais e avizinados.

O grande lance que enchia os olhos dos aprendizes de Bichos Soltos era que esses caras conseguiam prestígio, aceitação, respeito, medo e obediência, em pouco tempo de existência. Designados de valentões e impondo respeito pelo calibre da arma que carregavam amarrada à cintura – viviam, geralmente, até os 35 anos – no início do século XXI, as últimas pesquisas indicam que eles batem o paletó antes de completar 25 anos. Isso considerando o criminoso comum, não as grandes estrelas, com quem nunca tive contato.

Diante desse mundo sedutor e contraditório, a turma se virava como podia. Alguns pivetes vendiam picolés, o Tio Jotão chegou a inventar uma fabriqueta de picolés e sorvetes que os meus irmãos mais jovens vendiam para descolar um

troco. O Gago e o Binha venderam jornal no centro de Duque de Caxias – município vizinho. Alguns trabalhavam de sinaleiros para a boca de fumo que se radicava no fim da rua, próximo ao Campo do Jurema. Com a função de avisar quando a polícia estava por vir, eles usavam códigos que podiam ser por intermédio de uma pipa dibicada – colocando-a para os lados ou para baixo – sobre a casa onde se localizava a boca ou usavam assovios e palavras de ordem, como, por exemplo: “Olha a Portela na área”, quando se tratava da Polícia Militar, pois o carro desses policiais era geralmente azul e branco, as mesmas cores da escola de samba do bairro de Madureira; o grito ainda podia ser: “Botafogo, Botafogo!”, o que queria dizer Polícia Civil, pelo mesmo motivo das cores. Tanto o time quanto os carros desses policiais eram preto e branco.

Muitos pré-adolescentes e adolescentes trabalhavam bem mais duro que os vendedores e sinaleiros. Uma parte significativa dos guris fazia bicos na construção civil, eram ajudantes de pedreiros ou serventes de obra, eu mesmo cheguei a ser servente do Tio Jotão. Não posso deixar de lhes contar sobre a meninada que catava lata velha, juntava garrafa ou descascava fios de cobre que, para valer mais, eram enrolados em volta de uma pedra para adquirir maior peso ao ser vendido no ferro velho.

Os moleques menos necessitados juntavam toda parafernália possível e, em vez de trocar no ferro velho por migalhas de dinheiro, preferiam transformá-la em

pintos. Isso mesmo, faziam um escambo com o seu Zé do Burro pelos filhotes das galinhas.

O interessante dessa parte da história era que o seu Zé do Burro tinha os pequenos pintos para fazer a criançada acreditar que os bichos eram de raça e não de granja. Quando o referido empenado começava a mudar de cor, era aquela frustração. Geralmente, o dono da pequena ave a abandonava nos matagais da quebrada. Nesse caso, a exceção fica para o nosso irmãozinho Terra Quente que, ao se ver trapaceado, vingava-se no filhote de galo, decepando-lhe a cabeça. Com o passar de uma ou duas semanas, normalmente, os pintos morriam de fome, de frio ou de alguma peste que já os acompanhava. Às vezes e muito raramente, escapava um infeliz bichinho.

Nessa idade, um grande dilema começava a existir na cabeça dos meninos, principalmente, os mais necessitados: “Que caminho seguir?”. Inicialmente, as opções eram muito pouco generosas. Se por um lado os adultos-heróis do dia-a-dia conseguiam com muito sacrifício ganhar um salário de miséria para suprir as necessidades alimentares imediatas, do outro, víamos com muita frequência os criminosos que repousavam no Noia, ou mesmo os que lá agiam, como era o caso do Mazinho, desfilarem com tremendos carrões, acompanhados de mulheres lindíssimas, portadoras de pernas compridas iguais às das atrizes que passam nas novelas da Rede Globo.

Nossos migrantes mantenedores morriam por volta de cinquenta e cinco anos, de pneumonia – doença adquirida na prática de, em plena madrugada, carregar carne congelada nas costas – cirrose, câncer ou alguma infecção contraída nos fornos das padarias da Central do Brasil, em geral, de proprietários portugueses. Ou, ainda, fatalmente nossos mantenedores acidentavam-se em algum canteiro de obra, sem ao menos ter direito a uma estrofe de Buarque: nem o trânsito atrapalhar. São homens e mulheres que chegam ao fim da vida sem ter tido o direito a um momento de glória, recheado do tilintar de moedas, sem reconhecimento social, nenhum *status*.

Os meninos e meninas do Noia, e sinto confidenciar-lhes que eu não fui exceção à regra, nos imaginávamos com aquelas mulheres lindas, dirigindo carros novos, com todo mundo nos respeitando e devendo obediência. Eu também quis isso. O que eu não queria era ser um servente de pedreiro, limpador de chão, ou lavador de carro para que as pessoas tivessem piedade de mim e me dessem uns complacentes centavos de gorjeta ou de esmola.

Nos dias atuais, quando nos reunimos eu, meus irmãos, nossos filhos não-nascidos no Noia, juntamente com os mais velhos, que também não nasceram lá, é inevitável o surgimento de algum assunto que nos remeta àquele bairro.

Um de nossos últimos encontros foi paradigmático, revelador, cheio de con-

tradições e conflitos. Posso iniciar essa fase da história lhes dizendo que a maior marca de nossa família é a paixão e o conflito. Desde que tenho condições de racionalizar algo sobre os entes que me criaram e os que foram criados comigo, posso afirmar que estas são as duas características principais.

Num domingo de agosto, quando comercialmente impõem-se as comemorações dos dias dos pais, nos reunimos todos. Almoço regado a galinha caipira, cerveja, cachaça, água fresca e sombra. Podemos dizer que, do ponto de vista material e considerando-se os padrões atuais das famílias de classe média, nosso almoço apresentou características absolutamente convencionais. Entretanto, se passarmos para o aspecto emocional, afirmo que extrapolamos todas as normas de convivência familiar. Todos nós, sem exceção, choramos copiosamente por motivos que estão na nossa história.

Há cinquenta anos atrás, era impossível fazermos um evento como esse. As condições materiais não possibilitavam. Afinal, alguns dos personagens que hoje enchem nossos olhos de lágrimas por discussões sérias ou fúteis, quando habitam o interior da Paraíba, dividiam-se, em plena adolescência, entre pedir esmolas ou quebrar paralelepípedos para construção de rodagens, o que no fim do mês possibilitavam-lhes uma feira para ajudar na manutenção familiar.

Se uma família não pode se considerar como tal, se não puder se divertir junto,

se proteger junto, ser diferente estando junto, não é uma família. Considero que a nossa, na melhor definição da palavra, é uma família porque é conflituosa. Nossa preocupação uns com os outros e o conflito são as garantias contraditórias, ímpares e inquestionáveis do amor que nos rodeia.

A matriarca da família e ente mais lembrada nesses encontros, dona Cassiana, era uma mulher de aparência física frágil, portadora de bronquite asmática, vivia fungando e limpando o nariz. Baixinha, com a pele mesclada pela miscigenação, tinha cabelos pretos, lisos, grossos, olhos grandes e negros como as penas de uma graúna. De sensibilidade assustadora, era cheia de mandingas e acertava palpites com frequência, além de rezar muito. Ela parecia uma criança quando nos abraçava e beijava nosso pescoço e era apaixonada até a unha do pé pelo nosso avô, o negrão Isidro.

Sabia que os seus muitos pirralhos não atendiam ao padrão de beleza imposto pelo mundo judaico-cristão e greco-romano, portanto, procurava proteger-nos dizendo: “A sua maior beleza ninguém pode ver, só você sabe que ela existe, sua beleza está dentro de você, seja feliz por isso”.

A mãe de minha mãe era poeta e acreditava que os poetas viam o mundo por cima, beijavam como mordiam e sonhavam até de dia, pois eram maiores. Se os psicanalistas estão certos e se eu tive, como todo homem, um complexo de Êdi-

po, este foi, sem dúvida, por essa mulher, que me criou desde o nascimento, causando-me a necessária sensação de filho legítimo.

Antes de me ensinar qualquer coisa sobre o mundo, ensinou-me a mais bela de todas as lições: a dificuldade de um girino em sair da lama e a persistência da lagarta em subir numa árvore para olhar o mundo por cima. Os cheiros que ela dava embaixo de meu cangote toda vez que me banhava, fizeram-me ver a beleza de perfumar-me e de perfumar. Foi com vovó que aprendi a voar como Fernão Capelo Gaivota. Foi escutando-a sussurrar em meu ouvido “que a borboleta é uma lagarta que aprendeu a voar”, que voei tudo que a idade me permitiu. Crer nessa metamorfose mostrou-me que só a mudança podia me levar a sonhar com a liberdade de voar e, desse jeito, o caminho do céu tornar-se-ia inevitável para mim.

Seu Isidro teve participação ímpar em nossa formação. Garantia que ficássemos presos culturalmente à Paraíba – memória, religiosidade, música, culinária – aos costumes do nosso lugar e ao imaginário simbólico da família.

O negrão era alto, magro, elegante, andar macio, levemente calvo, braços longos, bigode fino, pintado com lápis preto do estojo de maquiagem das minhas tias, sorriso largo e malicioso. Quando o velho soltava o riso, o que não era raro, procurava mostrar discretamente sua prótese de ouro no dente incisivo central direito.

Ele era um paquerador nato e incorrigível, característica, por certo, que deixava vovó enfurecida da vida.

Patriarca da nossa família, sempre guardou uma mágoa racista e ridícula contra as pessoas de sua própria cor. Profetizava ele, com alguma frequência: “O Rio não presta porque tem muito crioulo”.

Esse racismo, nada mais é do que a reprodução, dentro de minha casa, das ideias dominantes da sociedade brasileira que teimam em se manter como verdades universais. Essas ideias insustentáveis continuam vivas, até hoje, entre os meus entes queridos. Minha mãe e Tia Pilá, por exemplo, de vez em quando, em pleno século vinte e um e mesmo debaixo dos protestos dos filhos, ainda saem com suas inaceitáveis anedotas contra os pretos. Encontro, misturados na história de vida dos meus avós, alguns elementos que podem ser usados para explicar essa xenofobia.

SEU ISIDRO E DONA CASSIANA

O negrão Isidro nasceu no início da década de 1920, período em que a elite brasileira importava mão-de-obra europeia com a descarada, atrasada e antiquada ideia do embranquecimento que, ideologicamente, nos remete à união de embranquecer com esquecer.

Não foi criado pelos pais biológicos. Filho de uma ex-escrava com um capitão do mato, ainda bebê, foi doado para uma família branca, no interior da Paraíba.

Seu pai de criação, fazendeiro, tinha quatro filhos biológicos. Quando morreu, deixou uma herança para ser dividida em partes iguais entre os cinco filhos: um engenheiro, um oficial do exército brasileiro, um médico, um advogado e o meu avô, analfabeto funcional.

O fazendeiro queria partir em paz. Além de se declarar não-racista, influenciado, quem sabe, pela tradição das indulgências da era medieval, pensou que encontraria o caminho do céu com atitude de tal envergadura. Assim, como rezava no testamento do falecido, sua fazenda foi dividida em cinco partes, todas na região do Brejo paraibano, localidade boa para o plantio de frutas e hortaliças, que, diferente de outras áreas do estado, chove boa parte do ano, sendo úmida, com áreas alagadas, por este motivo o nome: Brejo paraibano.

Esse ato de doação tornou-se memorável e contou com a presença das prin-

cipais autoridades do lugar, como o delegado, o prefeito, o tabelião e o padre que, ao dar a extrema-unção ao moribundo, proferiu as seguintes palavras: “São atitudes como essas que garantem a um ser a luz necessária da salvação!”.

O religioso e os demais poderosos do lugar tinham como condição de sobrevivência manter viva a ideia de piedade por sobre a cruenta denúncia que aquele ato escondia. O pobre do negrinho Isidro carregaria em sua vida, daquele dia em diante, juntamente com sua herança, grande dificuldade, qual seja, administrar seu pedaço de chão apenas com a força do seu trabalho.

Enquanto seus irmãos de criação eram educados nas melhores escolas da capital do estado, conseguindo com talento e brilhantismo atingir posições de destaque, o crioulo ficara cuidando da roça. Nos finais de semana e nas férias escolares, quando os irmãos brancos chegavam à fazenda, podiam usufruir todas as benesses possíveis daquela terra fértil e produtiva, roçada e cuidada por Isidro.

Então, para um latifundiário que, no fim da vida, precisava limpar sua consciência perante Deus e, para isso, contava com a conivência dos que despacham em nome do sagrado, era fácil conceder um pedaço de terra ao filho adotivo. Inviável era tratá-lo igual aos demais filhos. Afinal, em um mundo racista como o nosso, é natural negro cuidar da terra e não estudar.

Enquanto os irmãos brancos venderam suas terras para um influente político paraibano e foram para a cidade cuidar de suas carreiras, o irmão negro casou-se e foi fazer o que sabia: cuidar da terra.

Se essa história terminasse aqui, estavam certos os apoiadores da decisão do fazendeiro desencarnado. Todavia, a vida real não admite o ideal como condição acabada. O influente político paraibano, com a conivência dos seus apoiadores, não por coincidência, os mesmos do sepultado latifundiário, também queria as terras do preto.

Vovô, inteligentemente, não queria vender suas terras e contratou para a defesa de seus interesses o melhor advogado que existia no lugar. A confirmação de que tal advogado era bom vinha dos homens influentes que haviam assistido ao testamento que lhe concedeu as terras.

Medonho engano para o pobre negrinho. O homem do direito e doutor das leis, integrante dessa mesma elite, não estava do seu lado e o persuadiu a assinar um documento, passando as terras para o influente político. O negrinho metido a besta, dono de terras, que mal sabia escrever o nome, fora facilmente enganado.

Dois pontos precisam ser destacados. O primeiro se refere à assinatura do documento, feita pelo negro sem ler. Aliás, a leitura expressa da palavra não era muito de sua feitura. Seu pai de criação lhe ensinou a fugir das letras, função dos

seus outros irmãos. Ele foi muito bem educado para compreender a terra, interpretar o que esta queria e não para entender como os aleivosos senhores criam leis ou manipulam seus documentos.

O segundo ponto é a atitude revanchista e vigarista tomada pelo influente político e latifundiário que se zangou com a recusa do negro de vender as terras e, em represália, forçou o tal advogado a adquiri-la em forma de documento de doação, e cujos honorários foram pagos com o dinheiro que iria para o meu avô, caso ele tivesse vendido de bom grado.

Dessa forma, enquanto o tal advogado com o anel do Direito, que jurara defender a lei, embolsava o dinheiro da falsa doação do bem que era garantia de sustento para meu avô e seus filhos, esses ficavam na miséria.

Isidro e Cassiana tinham se casado sem o consentimento da família dela. O pai dela foi um negrão racista que morreu sem aceitar que a filha tivesse contato com a família, muito menos, pisasse de volta em casa. Portanto, sem o apoio do sogro e sem as terras, roubadas pelo influente político da região, meu avô, já com cinco filhos, teve que procurar a cidade grande na tentativa de sobreviver. No fim da década de 1950, a família escolheu Campina Grande para morar.

DO BREJO À SERRA

Vovô sempre foi meio sobrepujado, vivia resmungando que nada dava certo com ele, nunca se perdoou pela vida precária na qual a sua família afundou e a própria migração para o Rio era algo que ele não aceitara. Nunca na vida arrumou um emprego fixo, pois não tinha profissão. Como apenas sabia assinar o nome, ler e escrever mecanicamente, sem grandes interpretações, formou-se em mestre-de-obras já com mais de cinquenta anos em curso por correspondência, cujas provas, em grande parte, foram feitas por mim em nome dele. No dia em que o diploma chegou, vi festa e satisfação no semblante daquele homem sofredor e de baixa auto estima.

Negro ignorante e sem educação formal, vez por outra fazia uma dura autocrítica: “Sou preto e burro, trabalho no cabo da enxada, enquanto meus irmãos são brancos, inteligentes, formados e trabalham na cidade com nobreza e dignidade”. Alimentava a lógica racista existente na cultura brasileira contra si próprio.

Ainda na Paraíba, quando migraram do Brejo para a cidade de Campina Grande, para sustentar a família, montou uma barbearia na feira – armação de madeira de modo a formar duas colunas que sustentavam o lonado, bacia de alumínio com água em cima de um banco, espelho preso em uma das colunas e toalha pendurada na outra.

QUE TODO SOFRIMENTO DA VIDA SEJA AO MENOS POR AMOR

O casamento de Isidro com Cassiana também foi motivo para que meu avô visse meio meditando sobre os aspectos materiais de sua vida.

Minha avó era a princesa do lugar: linda e detentora de um vigor no olhar de causar inveja em Beatriz de Dante Alighieri. Filha de um ex-escravo com uma mulher branca, descendente de portugueses – o que não era comum naquela época, sobretudo, porque sendo negro e ex-escravo, o pai de Cassiana, era detentor de razoáveis propriedades.

Os historiadores relatam que duas hipóteses principais podem justificar tal posse: a primeira assenta-se na possibilidade de uma herança deixada pelo seu senhor quando da sua liberdade. Esta possibilidade complica-se quando não são encontrados, nesse período e nessa região, registros cartoriais que atestem a existência de bondosos benfeitores senhores de escravos que, por puro esclarecimento político, resolvessem fazer “Reforma Agrária” em suas próprias terras. A segunda hipótese, e em certo sentido, mais admissível, radica-se na existência de um número razoável de negros alforriados, escravos da casa grande, ou seja, afros descendentes coniventes com a escravidão e não-resistentes a ela. Em outras palavras, negros que traíam os demais em troca de favores dos senhores.

O certo é que a família de Cassiana vivia com padrões de consumo comparáveis aos pequenos latifundiários brancos da região.

Até aí nenhum problema para o romance entre os pais de minha mãe. Sim, decerto que não. O pai da moça não se casou com uma branca em vão, o seu casamento com uma descendente direta dos colonizadores deu-se para embranquecer sua família. Digo que nessas circunstâncias o negrão queria mesmo era esquecer o excesso de melanina presente em sua pele.

Portanto, a filha caçula, linda, letrada, preparada para se matrimoniar com um doutor jamais podia enamorar-se de um negrinho, metido a besta, filho de um capitão-do-mato com uma ex-escrava.

Inicialmente, o incansável conquistador Isidro aproximou-se da moça por pura auto-afirmação. Minha vovó Cassiana, como já lhes disse, tinha uma ligação *online* e permanente com a sensibilidade. Essa proximidade possibilitou-lhe um contato estético com o mundo através da poesia.

A moça, namoradeira de monte, adorava escrever sonetos e poemas e repassá-los aos inúmeros pretendentes. A única maneira de o negrinho se aproximar da beldade era servindo de pombo-correio.

Pois não é que o cara de pau os lia e, nessa hora, mesmo sem entender bem o que estava escrito, sentia algo profundo

e doce em seu coração amargurado. Os códigos do amor expressam-se por meios de fácil decifração para quem está afetado por ele. Inevitavelmente, Isidro apaixonou-se por Cassiana. O dilema do preto passou, então, a ser conquistar aquela moça de boa família.

Ganhar qualquer gazela, tratando-se do charmoso negrinho, não era tarefa tão difícil aos olhos de quem o via como um cara de farta sorte no trato com o sexo oposto, mas o afamado garotão estava em uma encruzilhada. Ele que sabia bem como cantar qualquer mulher percebia que, com Cassiana, era diferente, pois se sentia como predador preso pela presa.

Em mais uma de suas viagens como pombo-correio a um dos namorados da moça, decidiu não entregar o bilhete. E com a firme convicção de que nunca mais levaria bilhete algum, resolveu ler e rasgar o que seria o último.

Para espanto do mensageiro enciumado, o que estava escrito naquela mensagem era diferente do esperado. Ele leu:

“ Para minha pessoa foi difícil escrever o que você está lendo agora. Acredite, não sou má, vivo até esta data à procura do amor verdadeiro que insiste em não bater em minha porta. Não se sinta responsável pelo que escrevo, pois nada tem a ver com você ou qualquer ser humano que até hoje se aproximou de mim. Confio que a pessoa que carrega esse amor deve estar por perto, entretanto, advirto-lhe que, embora cordial e elegante, você não desperta o que espero sentir. Contudo, posso oferecer-lhe a amizade, outro sentimento raríssimo. Espero que o aceite, pois é o máximo que lhe posso dedicar.

Como você é um cavaleiro sensível e bem educado, tenho a ousadia em desabafar que o amor esperado por mim deve vir acompanhado do sentimento de amizade, mas, como entre nós dois apenas a amizade se faz presente, rogo-lhe! Não me negue, pois não podemos viver sem amigos. E, se meu sonho, na verdade, é encontrar a união destes dois sentimentos na mesma criatura, o que infelizmente não ocorreu entre nós, isso não impede que nutramos outro relacionamento.

Como lhe adiantei, estou usando estas letras como um desabafo, e o faço por depositar em você grande confiança. Penso que, no dia que dois viventes se encontram com o amor, passam a morar num espaço sagrado, num paraíso próprio onde apenas as pessoas que amam podem chegar.

Neste local, o amado é feliz pelo amor do outro que o ama, e quem sente o amor é feliz duplamente, pelo amor que sente e pela felicidade do outro em ser iluminado pelo seu amor. Felicidade sem condições de ser narrada pela linguagem que disponho é aquela em que os dois amam. Arrisco-me a dizer que um alguém que já tenha respondido ao outro 'eu também te amo', já visitou o céu.

Portanto, meu amigo, e assim lhe chamarei daqui em diante, essa é uma viagem que não se faz sozinho, com o incrível detalhe do caminho de ida e de chegada serem um só. Por isso, tanto eu como você, devemos procurar em outros a companhia para essa sublime viagem. Finalizo, dizendo a você que, se por acaso, o sofrimento esbarrar em nós, devemos fazer seguir nosso percurso a pensar!

Sendo impossível viver sem sofrer que todo sofrimento dessa vida seja ao menos por amor ”.

O negro Isidro tinha o semi-analfabetismo como marca, mas era um homem sensível. Ao findar a leitura da carta, esvaiu-se em lágrimas. E, se já estava apaixonado, ficou louco pela mulher que havia escrito aquele monte de lindeza. Agora, mais que antes, precisava descobrir uma maneira de falar-lhe sobre o que sentia. Ele queria ser o homem a levá-la ao céu. Mas, como fazer isso? O que dizer a Cassiana? Não poderia revelar que lia seus bilhetes, seria uma feiura, ela o desclassificaria.

Como já lhes disse, o amor tem seus códigos e os decifra de maneira diferente em cada coração que o sente. Nesse momento, a jovem Cassiana já estava apaixonada pelo preto Isidro e era justamente por sentir essa paixão que ela achava difícil declará-la. Para a moça, falar de amor para qualquer um de seus pretendentes não era tarefa difícil, fazia em forma de brincadeira, usava a poesia que lhe era farta. Entretanto, diante do amor de verdade, o grande amor de sua vida, aquele para quem vale a pena dizer, “até que a morte nos separe”, faltavam as palavras.

Dessa maneira, durante uma madrugada, a jovem sonhou com aqueles escritos sendo lidos por Isidro de forma emocionada. Suas irmãs já a haviam advertido de que o negrinho era perigoso, possivelmente estaria lendo os bilhetes e até desviando-os para as suas muitas paqueras. Mas a ferroada da paixão não quer saber de certezas, o amor procura transformar positivamente para si o que pode vir a atrapalhá-lo. Assim, a poeta brejeira compôs seus escritos, pensando na possibilidade do seu mensageiro lê-los e ainda que, a partir dessa leitura, entendesse que ela o esperava para viverem o único amor de suas vidas.

Do outro lado dessa história, estava meu avô, que sonhava guiar uma carruagem celestial pelas nuvens, tendo ao seu lado a amada, envolvida em um manto branco esvoaçante. Acordava suado e ficava a perguntar-se como seria possível ser o amor de Cassiana já sendo o amigo a quem ela confiava suas cartas. Preocupava-se com a reação do pai da

moça que, certamente, queria um bom partido para casar com sua filha.

Mas, repentinamente, todas as angústias perdiam o sentido e o mais importante passava a ser dizer a Cassiana que ela era a mulher mais especial de todo o mundo. Na noite seguinte ao dia da leitura da carta reveladora, vovô arrumou-se todinho e foi para a casa de sua amada. Cortou os já curtos cabelos, aparou o bigode, colocou uma calça de linho branco, engomada em ferro à brasa, sapato preto bem engraxado, camisa de mangas compridas com listas verticais ensacada na calça, cinto de couro cru. Banhou-se em água de cheiro de flor de laranjeira, ficando mais cheiroso que filho de barbeiro, e foi-se pela estrada a cumprir seu destino.

Durante o percurso, que fez a cavalo, seu coração batia acelerado, sabendo que valia qualquer sacrifício para ficar ao lado da mulher de sua vida. Ao chegar à casa de Cassiana, ela o estava a esperar sentada em uma cadeira de balanço na varanda lateral de sua casa. Ao desmontar, olhou-a lentamente e sentiu em seu olhar a reciprocidade do sentimento.

Cassiana estava com um vestido de chita franzido na cintura e com bainha de renda branca que ia até pouco abaixo do joelho. Levantou-se, caminhou até a meia-parede que dividia a varanda do quintal e ficou a olhar o preto por um bom tempo. Isidro, por sua vez, ao se aproximar da futura mãe de seus filhos, a mulher a quem ele acompanharia até

o último instante de vida, perdeu a voz. Olhou nos olhos da moça e sentiu uma pontada no estômago ao ver-se neles. Era como se o negrume daquele olhar epigrafasse o seu nome no horizonte. Se existia ainda qualquer dúvida ou medo em encarar o futuro, naquele instante, ficara claro que correr o risco seria o mínimo a se fazer.

CAMPINA GRANDE E SUA FEIRA CENTRAL

Campina Grande, a antiga Vila Nova da Rainha, é herdeira de uma tradição cosmopolita, pois seus fundadores, o índio, o tropeiro e o apanhador de algodão, garantem-lhe, logo de início, essa característica.

Segundo a historiografia, essa cidade firmava-se como o grande polo econômico da região, uma espécie de nova Meca, para onde nordestinos insatisfeitos com a vida corriam. A Princesinha da Borborema – apelido que lhe foi atribuído por seus orgulhosos moradores – era o ponto para onde convergiam retirantes, comerciantes, tropeiros, tangedores de boiada, aventureiros, meretrizes, traficantes, jogadores, cantadores, repentistas, poetas, músicos e outros peregrinos que buscavam dinheiro e diversão. Mistura esta, que apura na cidade, o gosto pela poesia e pela aventura.

O maior privilégio da cidade, segundo meus pomposos conterrâneos, é a sua destacada posição geográfica. Pequena metrópole localizada na Serra da Borborema, distante cento e vinte quilômetros da capital, João Pessoa, praticamente no centro geográfico do Nordeste. Desde o início do século vinte, serviu de entreposto aos viajantes dos sertões, siridós, cariris e brejos dos estados da Paraíba, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, entre outros estados nordestinos. Inicialmente, são os tropeiros de vendas de gados e produtos agrícolas; posteriormente, é o

algodão – ouro branco – que se destaca em grande comercialização interna e externa, atingindo seu apogeu na década de 1930.

Com a segunda guerra mundial, o ouro branco entra definitivamente em decadência, entretanto, a cidade, principalmente através de sua feira livre, assume a função de importante polo de comercialização da região, de produtos no atacado e no varejo.

Não posso me esquecer da feira central. Jamais fui a uma feira como a de Campina Grande: nasce aí o meu fascínio pelas feiras. De certo que existe a polêmica se é ou não maior que a feira de Caruaru, mas eu afirmo sem pestanejar que a de Campina é maior e bem melhor.

Nesta feira encontra-se, como se diz no Ceará, “de um tudo”: remédio para achar amor perdido, simpatia para afugentar vizinho ruim, chá para curar mau olhado, banho de ervas para segurar filha teimosa em casa, gotas para passar dor de calos; e coisas mais concretas como, pneus, parafusos para cabo de serrote, produtos para vestimenta, gêneros alimentícios diversos; e, é claro, a dose de brejeira que antecede ao suculento picado de bode na barraca da Dona Zefa.

O que mais me lembro, contudo, é o cheiro da transição entre as barracas das flores com as dos peixes. Minha nossa! Chego até a tomar a respiração para ver se sinto aquela coisa doida! Que aroma estranho e sedutor! A entra-

da das barracas que vendem flores está lá até hoje, fica no cruzamento das ruas Vila Nova da Rainha com a Rua Manuel Farias de Leite. Seguindo por esta rua, cruza-se a Rua Antônio de Sá, onde se concentra a maioria dos barraqueiros que vendem peixes. Seguindo, encontramos as barracas de carne. É indescritível a arrumação das carnes penduradas, suas cores e formas são colossais. É isso apenas o que posso comentar, se eu continuar falando da feira, embriagame e não termino a história.

DONA JANAÍNA

O carisma de minha avó era o que garantia a união dos parentes. Precisamente, nesta união, radica-se, a meu ver, o resultado de não termos nos marginalizado. Para nós, meu avô foi imprescindível na guarda da memória de nossa origem. Todos os filhos do casal e mais o Tio Jotão têm participação definitiva na manutenção dos valores e na busca de vida coletiva que nós trazemos conosco. Foi o marido de Tia Pilá quem iniciou a transferência da família para o Rio e se mantém como referência paterna para muitos de nós.

Começarei a descrição dos filhos do casal Cassiana e Isidro pela Dona Maria Janaína, minha poderosa mãe. Não fiz esta opção por acreditar que essa mulher seja mais importante da história. Essa escolha justifica-se por ela ser a primogênita do casal e, como ela mesma costuma dizer orgulhosamente, ser fruto da primeira relação sexual de minha avó.

Maria Janaína é a maior mulher que conheci até hoje. Na vida real, ainda não encontrei uma pessoa do sexo feminino como ela. Além de não gostar de ser chamada de dona, desde os tempos idos do Brejo paraibano, sempre namorou quem quis, nunca, em momento nenhum de sua existência, abandonou os pais ou os filhos, e foi, sem dúvida, quem mais apoio financeiro concedeu à família: toda a família, não só os pais e os filhos.

Os olhos grandes e negros de Janaína lembram sua mãe, o nariz afilado recor-

da o pai e uma gargalhada nada discreta e corajosa é só dela. As pernas da coroa são impecavelmente lisas e lindas, por isso, quando vejo um desfile de moda, inevitavelmente, lembro da criatura que me pôs no mundo. Em geral, as modelos fazem um esforço para andarem elegantemente nas passarelas, mas a mulher que me gerou anda de salto alto em pleno calçamento, com uma elegância de fazer inveja a Naomi Campbel em desfile de alta costura de Milão.

Aos sessenta e cinco anos, afirma ter dois grandes prazeres na vida: sexo e cerveja. Conta que teve a primeira relação sexual aos dezessete anos, debaixo de um pé de maracujá que ficava nos fundos do quintal de casa. Para tal empreitada, despistou o Mandu, seu irmão mais novo, que ficava no encaço dela e do namorado. Mesmo com os apelos contrários da moçoila, foi obrigada a casar-se, na delegacia, como era o costume no Brejo e, assim, limpar a honra da família.

Como a espevitada da Janáina estava à frente do seu tempo, implorou ao seu Isidro para não casar, explicando que não amava o namorado e que só queria saber como era fazer sexo. O implacável e envergonhado pai não lhe deu ouvidos. Resultado: Janáina casou-se num dia e no outro foi abandonada. O marido saiu dizendo que ia visitar os pais e nunca mais voltou ou mandou notícias.

A moça, ao que me parece, achou muito boa a experiência de sexo sem convivência, pois até hoje ela vive do mesmo

jeito. Nunca conviveu estavelmente com alguém, bem que tentou algumas vezes, mas todas fracassaram. Parece irônico, mas escutamos de sua boca, com aguda frequência, as lamentações de não ter alguém para dividir, além do sexo, as artimanhas do cotidiano. Aliás, falar muito é uma das marcas de Dona Janaína. O Tio Mandu costuma dizer que ela fala, depois pensa.

Meu pai, seu Dandão, surgiu em sua vida logo após o fim do frustrado casamento. Sobre ele não tenho muito a falar, pois ela se magoa com o simples fato de uma pergunta sobre o paradeiro dele. Conforme já adiantei, não o conheci. Porém, para a compreensão de vocês, é preciso que lhes traga as informações que os mais velhos têm sobre essa relação.

Dona Cassiana costumava dizer que Dandão era um bom homem, apaixonado pela adolescente valente. Tia Pilá argumenta que meu pai viajou a São Paulo, prometendo mandar buscar a jovem amante com os dois filhos, eu e Biboca, porém, logo em seguida, quando o cara deu as costas, Janaína já estava se danando com outro. Ao saber disso, o viajante desistiu de resgatar a sua amante com a prole.

Versões e conflitos à parte, o certo é que o Dandão era casado, com família constituída em Campina Grande, e não tinha como cumprir o prometido. O resultado prático disso é que, se não fosse dona Cassiana e seu Isidro, eu e minha irmã teríamos ficado sem o necessário

conforto da convivência de uma família nuclear.

Se dona Janaína não consegue ser um ser humano superior, e não tem que ser, optou por tentar ser mãe e pai, como acredita. Apesar das críticas que esse assunto, ainda hoje, causa à minha opinião, eu não poderia, na tentativa de interpretar nossa história, deixar de mencioná-la como uma mulher que, em meu juízo, conseguiu algo muito difícil na vida: criar os filhos longe da marginalidade e, ainda, de quebra, contribuir com a sustentação material de toda sua família.

Mais que isso, como ela mesma diz, é uma felizarda. Criou os filhos sozinha, sem pai, e eles estão aí, todos formados. O problema dessa afirmação tem residência no meu peito com grande contradição. Em primeiro lugar, Janaína não criou seus filhos sozinha, ou seja, sem seu Isidro, Dona Cassiana e Tia Pilá, entre outros, nunca teria conseguido tal feito. Na tentativa de criar os três filhos como mãe e pai – o caçula, Binha, nasceu nove anos depois de Bidoca – ela nunca conseguiu ser uma mãe padrão. A opção de Janaína sempre foi muito clara e aqui não a recrimino. Essa mulher tinha dois empregos, se virava como podia e ajudava todo mundo. Se o seu incomensurável amor não a deixaria, em nenhuma hipótese, abandonar os filhos, como fizeram os pais deles, ela nunca teve trato com crianças. Na realidade, não estava muito preocupada com isso, não por negligência e sim porque as condições objetivas

colocadas à sua frente forçaram-na a preocupar-se com os aportes materiais da galerinha, enquanto a função da maternidade ficava a cabo de sua mãe e de sua irmã.

Minha adorável mãe escolheu, muito cedo, viver sua vida própria, o que, de certa forma, foi uma grande lição para mim que hoje me vejo agindo do mesmo jeito.

A história de vida dessa mulher não deixa nenhuma dúvida sobre o porquê de suas escolhas e, por isso mesmo, diante de tantas dificuldades materiais e emocionais, de ter aprendido a ser e permanecer sensual, feminina, feliz, livre, desejada e, ainda por cima, trabalhadeira, o que contribui e muito bem para a criação de um monte de marmanjos.

Tia Pilá é onze meses mais jovem que minha mãe. Nascida em dezembro do mesmo ano da irmã, é mulher adepta da tolerância zero, não perdoa quaisquer deslizes dos integrantes do clã. Em outras palavras, quando éramos pirralhos, surrava quem ousasse sair dos padrões estipulados por sua criação. Acreditava ser essa a melhor forma de assegurar que ficássemos longe dos possíveis desvios de conduta. A molecada se pelava de medo dela e de suas sovas, o que determinava certa condução moral aos padrões da severa senhora.

Claro que diante de certas exigências alguns de nós, com temperamento específico, sofria mais que outros. O Gago, por exemplo, era um dos mais surrados.

Como levava uma sova e recebia a ordem para não chorar, ameaçado de apanhar mais se proferisse algum tipo de resmungo, diante da forte dor e dado seu temperamento chorão, no sacrifício, ficava se balançando e gemendo. Sobre isso, certa vez, disse uma médica, que ele gaguejava porque a mãe o proibira de soltar pipa. Nossa teoria é que o cara ficou gago por causa das pisas que levava da mãe, sem poder extravasar a dor. Se a médica visse as seções de chibatadas promovidas por Tia Pilá com o intuito de deixar a pivetada nos trilhos, mudaria sua tese sobre a gagueira no menino.

O cão de guarda de Tia Pilá era Bido-ca, espécie de monitora que apontava os merecedores de correção moral. As duas eram cúmplices e, na opinião delas, o maior merecedor das pisas com cinturão era justamente eu. Mas, como na época das grandes surras eu já era bem crescido (minha diferença de idade para o Nininho, o mais velho depois de mim, é de seis anos) para as duas conseguirem me pegar não era fácil. Eu corria e gritava chamando a atenção da vizinhança que vinha em meu socorro, tática que nem sempre funcionava. Mas, quando as outras duas tias estavam em casa, o meu coro saía realmente dolorido. Não posso dizer, tomando como referência o critério da família, que eu não merecia as sovas.

Além de cuidar de toda a turma, Tia Pilá era guardiã da saúde de vovó, sempre com crises respiratórias.

Essa tia segue muito de perto as orientações religiosas ensinadas por seu pai e opta por criar seus filhos tendo como componente moral os ensinamentos da Igreja Católica. Desde muito cedo seus moleques engajaram-se nas Pastorais da Juventude. A forte formação política que o Nininho, o Gago, o Terra Quente e a Candolina carregam consigo até hoje, deveu-se, segundo eles próprios, a seus trabalhos nas Comunidades Eclesiais de Base, conhecidas como CEBs.

Não posso negar que meu envolvimento com os movimentos sociais que aconteciam no Noia me deu os primeiros contatos com a política social que se dava de forma eminentemente prática e espontânea e que indica a complexidade de tal formação. O componente novo, que, a partir de Tia Pilá, vem se somar à religiosidade da família é exatamente esse envolvimento político. Foi desse engajamento na igreja que partiu a iniciativa da doação do terreno para a Associação de moradores do Noia, apelo ao qual Tio Jotão não resistiu diante da necessidade do bairro em contar com uma entidade comunitária. Ele resistiu até onde pôde, mas acabou cedendo diante dos apelos de sua engajada mulher.

Atualmente, Tia Pilá é Ministra da Eucaristia e, quando jovem, ainda em Campina Grande, sonhou em ser freira, mas contra isso pesava o seu desejo carnal. A moça era muito namoradeira, e dizem os mais amolecados que tal sina é marca de família que a bela jovem carrega e que na juventude chamava a atenção até dos

padres. Possuidora de um sorriso franco e branco como lã de carneiro, e com olhos negros e vivos, feito jabuticaba madura, a paraibana endoidecia os jovens paroquianos.

AS ILELAS

A cumplicidade entre Janaína e Pilá é algo de impressionar qualquer perito em arte impressionista. As duas mulheres, realmente, inventaram uma convivência ímpar. O diálogo criado por ambas representa muito bem o que percebem e querem expressar. Não sei se porque as duas nasceram no mesmo ano, mas basta o olhar de uma para a outra entender, como se elas compusessem o mesmo organismo.

Chamam-se uma a outra de Ilela. Mamãe conta que, quando começou a falar, não dizia o nome correto da irmã menor, pronunciava algo parecido com Ilela. Quando esta irmã começou a falar, passou a chamá-la também de Ilela. Ilela até hoje.

O padre Lúcio Flávio, amigo da família, meio irmão, meio filho, as conhece muito bem, é o confidente e, ao mesmo tempo, se confessa para elas. Certa vez, durante a celebração de uma missa em homenagem ao sexagésimo aniversário de Tia Pila, ele disse: “Em 1945 houve dois acontecimentos marcantes no mundo: o primeiro foi nefasto, refiro-me às duas bombas jogadas no Japão; o segundo foi maravilhoso, o nascimento de Pilá e de sua irmã Janaína. Por isso, eu agradeço, seus filhos agradecem, o mundo agradece”.

O código de comunicação que elas procuram manter para além da distância e do tempo, na análise desse amigo,

e da qual compartilho, é um patrimônio da família e precisa ser preservado pelas gerações posteriores. Esse código edificou uma linguagem tão particular que gostaria de dizer que tenho imensa dúvida se conseguiremos dar prosseguimento. Com exceção do Gago e de mim, não assistimos aos demais se preocuparem com essa tradição, até porque para alguns dos nossos irmãos é difícil compreender, quiçá aprender a se comunicar com esse código. Portanto, como o meu irmanado padre, temo que essa marca se perca na fumaça de nossa história.

É preciso admitir uma complexidade considerável na forma de comunicação das irmãs, primeiramente, porque não sabemos onde ela se originou. Acreditamos que tenha sido com as irmãs de minha avó. Mesmo assim, embora elas fossem cinco, e eu tenha conhecido três delas, apenas uma se comunicava usando tal codificação. O certo é que hoje somente a minha mãe e a Tia Pilá conversam por essa linguagem.

Elas trocam as palavras por números. Parece simples, afirmo, mas não é. Mesmo que se consiga desvendar a chave-mestra da comunicação, ou seja, a lógica da conversação, ainda assim, é preciso conviver com os costumes da família para entender como elas conseguem trocar expressões inteiras por apenas dois ou três números em sequência. Para piorar o entendimento dos ouvintes, elas misturam palavras entre os números e, desse modo, parece que estão falando algo comum, mas pode ser que estejam

se referindo a uma pessoa que está presente e não querem que ela as entenda.

Elas utilizam números em sentido de verbo no gerúndio, por exemplo, “quatrando”, “treizando” ou complementam os números com próclises, “quatro-me”.

Em nossa família, é uma desfeita chegar uma visita, sem avisar, em horário próximo às refeições e não se ter mais o que oferecer. Ficamos em situação vexatória, já que em muitos lugares do Nordeste brasileiro é comum chegar alguém precisado de um prato de comida e ser atendido pelos anfitriões.

Vou lhes dar um exemplo e apenas um, pois não sou autorizado a revelar para fora da família algo conservado com tanta perspicácia. Aconteceu que, um dia, já findando o almoço, apareceu uma inesperada visita em nossa casa. Como os de casa já haviam se fartado, não restando mais nenhum alimento nas panelas para contar a história, Janaina olhou para Pilá e disse: “Ilela passa uns quinze que o fulano está muito quinze! [tradução: Ilela frita uns ovos que a visita está com muita fome!].

COMPLETANDO A FAMÍLIA

Tio Jotão sempre foi um homem tosco, dizendo melhor, o cara é realmente brabo, mais grosso que parede de catedral ou papel de enrolar prego, porém para o trabalho é paciente e concentrado, cabra trabalhador igual a ele ainda está para nascer. Criado na agricultura, nunca frequentou uma escola. Tudo o que sabe fazer aprendeu com a própria vida. Começou a trabalhar na roça aos oito anos, ajudando seu pai no plantio e cultivo de macaxeira, batata, mandioca, entre outras culturas destinadas ao sustento da família. Quando completou dezessete anos, foi com os pais plantar algodão em sistema de meia com o proprietário da terra na cidade de Pombal, interior paraibano. Vale destacar que, nesse período, o apogeu da produção de algodão vivia seu fim na região de Campina Grande e redondezas.

A família de Tio Jotão retorna para Campina Grande depois de grande enchente que rompe as paredes de um açude cujas águas inundam a propriedade onde trabalhavam. Depois de dois anos operando como descaroçador de algodão em uma indústria de beneficiamento desse produto, ele decide aventurar-se no Rio de Janeiro.

Na terra do Maracanã, consegue emprego de zelador e vigia num prédio no bairro de Cascadura, suburbano do Rio. Aos vinte e três anos, o nosso retirante retorna à terra natal para passar férias e rever a família. O regresso passageiro

para a Serra da Borborema guardava para nosso personagem uma surpresa que mudaria sua vida para sempre.

Um dos irmãos mais velhos de Tio Jotão era dono de uma birosca fornecedora de produtos alimentícios, biritas e miudezas em geral que, também, no horário da tarde, cumpria a função de lugar de encontro dos amigos de infância. Assim, era onde se contavam as anedotas e aventuras de um morador dali que estava no Sudeste.

Em frente à birosca havia um chafariz, e foi aí que, numa das tardes, aquele jovem que viria a ser meu Tio Jotão avistou minha Tia Pilá.

Todas as tardes, a moça tinha a incumbência de apanhar água para a manutenção de casa, o que fazia com pesar. Entretanto, a partir do dia em que avistou aquele moço, passou a lavar o batente da casa, a regar as plantas e a fazer todo tipo de estripulia para gastar o líquido e, assim, dar outras viagens ao chafariz.

Com rapidez, Tio Jotão apurou informações sobre sua princesa e ficou sabendo que a escolhida era moça de família, pessoa religiosa que frequentava a igreja regularmente. Assim sendo, no domingo seguinte, o camarada arrumou-se todo e fez plantão na porta da igreja do bairro do Moita. Próximo das seis da tarde, lá vem Pilá: linda como uma manhã de sol em uma praia deserta. O arrumado rapaz se aproximou, pouco cordial, e foi logo dizendo sem nenhuma firula: “espe-

ro você depois da missa, quero falar-lhe um assunto muito importante”. Como a gazela já estava arrastando asas para o cara, não houve empecilho. Conforme combinado, após a missa das sete, o casal acertou as bases para o que seria o início de curto namoro e noivado à distância, já que o moço viajou em seguida para o Rio de Janeiro.

Após dois anos, voltou a Campina Grande para cumprir a palavra de se casar e levar Pilá consigo. Casaram-se num dia e no seguinte entraram em um ônibus com destino ao sul maravilha. A viagem, que durou três dias e três noites, não lhes permitiu desfrutar de uma noite de núpcias. A jovem, virgem e bela esposa, o acompanhava esperançosa de ter o seu próprio lar e constituir uma linda e feliz família. Durante a viagem, um fato merece destacada relevância: a presença do músico, cantor e compositor norte-rio-grandense Elino Julião, o qual, a cada parada, fazia um show particular para o púbere casal e demais ocupantes do transporte coletivo.

Tio Mandu, além de marido de Tia Branca, é um cara muito especial pra mim. Sempre conversamos muito. Lembro-me com clareza de suas conversas sobre mulheres, homens da história, música, estudos, enfim, sobre coisas que muito me excitavam. Ele é responsável pela escolha profissional da maioria dos seus sobrinhos. Tinha uma rádio pirata chamada Pai D’égua. Como era ilegal, sua programação ia ao ar na hora da voz do Brasil, às sete horas da noite. A rádio

foi projetada e montada por ele próprio, o que me fascinava. Eu era um dos locutores oficiais da Rádio Pai D'égua e me divertia muito ouvindo minha própria voz nos rádios da vizinhança.

O Tio Mandu ganhava a vida consertando aparelhos eletrônicos e sua oficina era na varanda da casa o que, por certo, não agradava muito à dona Cassiana, pois o cara sempre foi muito desorganizado e deixava muita coisa espalhada, atrapalhando quem passava por ali.

A desorganização, que é uma das inúmeras características do Mandu e que não agrada as pessoas que moram com ele, certamente não foi o que me fez seguir a carreira de técnico em eletrônica, e fizeram Gago, Nininho, Terra Quente, Binha e o Nido, que é filho de sangue do homem, seguirem profissões assemelhadas. Nossa admiração por ele vinha da sua genialidade. O cara, com apenas dezessete anos, em pleno regime militar, já era câmera da TV Borborema, afiliada da Rede Globo em Campina Grande. Para conseguir o cargo, teve que aprender a consertar equipamentos eletrônicos sozinho.

Além de autodidata em eletrônica, o cara toca pandeiro, baixo e violão. Seu primeiro pandeiro ele fez com as próprias mãos, utilizando uma lata de doce de banana e chapinhas de garrafas de cerveja.

Frequentou a escola somente até o terceiro ano do antigo primário e aos doze anos, em virtude das dificuldades que a família enfrentava, foi obrigado

a se inscrever em uma frente de trabalho patrocinada pela indústria da seca e mantida pelo então governo de Juscelino Kubitschek. Essas frentes tinham o objetivo de gerar emprego e renda, não como hoje, era emprego em troca de comida, literalmente. No fim de cada semana de trabalho, recebia-se uma provisão de mantimentos. Não se recebia dinheiro. Discussões sociológicas à parte, o certo é que o menino se empregou em atividade exploradora de devastar mato e quebrar pedra para a construção de estradas no interior paraibano.

Quando eu digo que o homem tangencia a genialidade, não estou exagerando. Ele apresenta vários elementos que me fazem pensar assim. Um deles é o fato de se comunicar com dificuldades com o mundo externo. Quando indagamos algo a ele, oferece respostas evasivas, tem imensa dificuldade de falar diretamente sobre qualquer assunto com resposta simples. Tenho a impressão, às vezes, de que ele está em um mundo só dele e que ninguém consegue penetrar naquele espaço autista que ele criou para si. No círculo conflituoso que é minha família, nem todos acham que esse comportamento vem da proximidade com a genialidade.

O pai de Lerita é alto como meu avô, um pouco mais claro, tem a voz de locutor de FM e traz as deficiências respiratórias que sua mãe tinha. Homem de imenso bom humor, disse ninguém discorda, e apaixonado pela Jovem-Guarda.

Uma de suas maiores frustrações foi ter saído da escola muito cedo. Como ele mesmo diz, até prêmio ganhou na escola, queria estudar mais. Seu grande sonho era ser cineasta e, se não o realizou, sua vida real foi ilustrada por isso. Um sonho que se mistura com o cotidiano material levou o jovem a trabalhar como câmera.

Tia Branca é a paciência em pessoa. Às vezes, acho que ela reencarnou a tranquilidade da minha avó, por isso, minha paixão especial por ela. A mulher é uma unanimidade na família, pois, além de trabalhadeira, traz uma humildade e um jeito de tratar especialmente elegante, recebe todos tão bem que faz com que as visitas sintam-se em suas próprias casas.

Começou a namorar o Tio Mandu em uma segunda-feira de carnaval. O primeiro beijo dos dois aconteceu dentro do ônibus da linha 921, Bangu/Parada de Lucas. O casal estava sentado na primeira cadeira, após o trocador. E quero contar esse episódio com o coração, pois fui testemunha ocular.

Estávamos no coletivo, indo do Noia para a casa de minha mãe – percurso para o qual era necessário apanhar três conduções diferentes. No bairro de Bangu, mais especificamente na Praça de Guilherme da Silveira, havia um carnaval de rua muito animado, do qual vínhamos, eu, Tia Cheirosa e o irmão de Tia Branca que já namoravam há algum tempo. Reparei que, desde que saíamos da casa de minha avó, onde Branca foi

apresentada ao meu tio, ele não deixou a moça só um minuto sequer. A linda jovem de cabelos pretos, longos e lisos, por sua vez, não fez qualquer oposição às abordagens gentis do marmanjo. Para um menino como eu, com aproximadamente doze anos, em plena pré-adolescência, aquilo era uma aula de como interpretar a atmosfera repleta de hormônios e, melhor, de como atuar em situações como essas, onde a proximidade do sexo oposto muda a condução das palavras e atitudes. Como o período carnavalesco já cria uma condição propícia para os encontros sensuais, tudo parecia arrumado pelo acaso para que eles causassem um no outro a impressão necessária para se envolverem amorosamente. Não deu outra. Estão juntos desde então. E eu digo a vocês, essa mulher foi a melhor coisa que aconteceu na vida do camarada. Sem ela, o Tio Mandu estaria frito. Essa mulher botou prumo na vida do cara, o pouco de organização que o marido possui no trabalho deve a ela.

Já que falei na Tia Cheirosa, deixe-me prosseguir. A meu ver, é ela, dentre todas as pessoas da família – com exceção da Lerita – a mais bela de todas. A mulher é a maior negrona, alta, pele perfeitamente lisa e linda. Quando sorri, expõem-se duas barroquinhas, um em cada lados da face, nariz capaz de inspirar as artes de Ivo Pitanguí e, de longe, é quem tem mais charme entre todos nós.

Outro fator que acho de relevante destaque na vida da Cheirosa é ela ter resolvido estudar depois de cinquenta anos de

idade. Voltou para a escola e já concluiu o ensino médio. O carinhoso apelido foi gentilmente atribuído pelo seu pai. Vejam só que interessantes, que tamanha contradição, o meu avô, que era um tremendo racista, elegeu a filha mais preta de todas para chamar de cheirosa, causando, inclusive, nas outras filhas, um ciume velado.

Nega, filha mais jovem do casal Cassiana e Isidro, apenas seis anos mais velha do que eu, meio tia, meio irmã, às vezes queria dar uma de mãe, coisa que eu não deixava. Na época, achava-a metida a besta. Mulher pequena, pele como a dos indígenas, cabelos lisos e grossos como os da mãe, sorriso largo e exagerado, incorporou fortemente os valores do Sudeste. A moça sempre quis parecer carioca, usava roupas e se maquiava de modo que pudesse confundir os outros, mesmo que visualmente, sobre sua origem. E, como que, para não fugir à regra, namoradeira pra caramba.

A CASCA É DURA

O lugar em que Tio Jotão e Tia Pilá foram morar quando chegaram ao Rio de Janeiro localizava-se no subsolo de um prédio. Era um quarto pequeno, uma cozinha menor ainda e um banheiro minúsculo, o que não agradou à recém-casada mulher.

A morada, cedida pela síndica do prédio onde o esforçado Jotão trabalhava em duas funções – nos horários de pico, era porteiro e nos horários mais tranquilos, funcionava como zelador – tinha móveis velhos cheios de cupins e um fogão completamente enferrujado também deixados pela síndica.

Essa imagem nunca mais saiu do pensamento de Tia Pilá. Sua decepção fora grande, e ela chorava de dia e de noite. Imaginara morar em uma casa iluminada, arejada, com um quintal, mesmo que pequeno, e com mobília nova. Não precisava ser de primeira categoria, de grife, mas tinha que ser nova, comprada para eles. O prestativo e apaixonado marido, diante da decepção e sofrimento da mulher, resolveu voltar à Paraíba.

As cartas que chegavam de Campina Grande atestavam que o seu Isidro estava conseguindo trabalho como mestre-de-obras e como Jotão também tinha o sonho de ser pedreiro, pensou que podia estar ali a sua grande chance. Vejam só, meus camaradas, mais um exemplo para clarear a imbricação que o subjetivo tem com o objetivo. O cara não sonhava em

ser engenheiro, empresário, dançarino ou violoncelista. Ele sonhava em ser pedreiro, fazer reformas em prédios, levantar paredes, construir casas. Lindo o sonho de meu tio, não é? Para uma pessoa que iria criar a família como limpador do lixo da classe média suburbana carioca, ser um construtor estava mais que ótimo.

Afinal, para que a classe média possa sonhar em suas subjetividades objetivadas com viagens ao exterior, é preciso que pobres migrantes sonhem em deixar de ser vigilantes passando a quebrar paredes.

A notícia do Norte e a situação em que eles se encontravam, encheu o imaginário do recém-casal, que prontamente voltou à sua terra natal cheio de expectativas.

Por mais que pareça cruel à memória do meu grande avô, o seu Isidro nunca conseguiu ser realmente um mestre-de-obras. A casa em que fui criado, por exemplo, concebida e construída por ele, era cheia de imperfeições e os defeitos que essa edificação possuía não foram consequência somente da falta de recursos materiais para sua construção, tinham origem também na concepção e execução da obra. Portanto, quando o casal Pilá e Jotão chegou à cidade situada na Serra da Borborema, não conseguiu confirmar a notícia positiva de que seu Isidro era mestre-de-obras.

Creio eu, que a minha visão quanto ao poder profissional de construtor de meu avô deve gerar polêmica no interior da

família. O Tio Mandu, seu filho, defende com unhas e dentes que o grande Isidro se garantia. De certa forma, fui criado para acreditar nisso também, mas algumas verdades se diluem com o tempo e com o conhecimento, não tendo sustentação para sempre. Hoje, entendendo um pouco o que é um processo de construção de uma casa, não posso considerar que o homem, que me criou com todo o amor que possuía, tenha sido, em algum momento, um mestre-de-obras. Entretanto, esse fato não diminui em nada o valor que aquele negrão tem em minha vida. Não bastando o fato de ele ter sido o meu pai de fato, devo a seu Isidro a maravilhosa descoberta da música de Jackson do Pandeiro, entre inúmeros outros encontros comigo mesmo.

Tio Jotão, vendo desfeita sua expectativa de ser pedreiro no Norte, partiu para o Rio novamente, deixando a jovem e viçosa esposa na casa dos pais. Aquele homem tinha que realizar seu sonho e, assim, o cabra fez. Começou a trabalhar como pedreiro, alugou um pequeno cômodo e mandou buscar a linda mulher.

No trabalho de obra, Jotão conheceu um engenheiro e um corretor de imóveis que loteavam e vendiam terrenos, segundo eles, com ônibus na porta, água encaçada, luz elétrica, completa infra-estrutura para construção, portanto, ótimo para morar com a família. Os exitosos vendedores, que só pisavam no Noia de vez em quando, muito de vez em quando mesmo, certamente, jamais iriam fixar residência lá. Mas o apaixonado retiran-

te não podia deixar de comprar a casa própria que tanto povoava o imaginário de sua jovem e bela esposa.

Os dois paraibanos foram olhar o terreno em um domingo quente e ensolarado do verão carioca e, aí, confirmaram: nada de luz elétrica, o ônibus passava, sim, mas na porta do português da padaria, que ficava a uns duzentos metros do lote oferecido para o casal, água encaçada, nem a de poço prestava; infra-estrutura para construção? Sim, de certo que os empresários passaram trator, capinaram as ruas e aterraram os buracos, pelo menos isso, não é? Que nada! Se os espertos construtores não fizessem isso não vendiam a porcaria do terreno para ninguém.

Pronto, assim minha família foi parar no Jardim Noia, mas, e a casa, como se deu a construção do tão sonhado lar? Para começar, o sabido do Tio Jotão comprou um terreno: lote vinte e quatro, quadra seis, que já tinha em seu interior um quarto levantado, com piso, banheiro e coberto com laje. Faltavam apenas alguns retoques e o reboco. Isso era moleza para ele, um camarada que fora criado tomando leite de cabra, um cabra trabalhador como ele, acostumado a amansar jumento brabo no Norte, isso era fichinha.

O fato real é que Jotão trabalhava para um dos dois empreendedores do loteamento, de segunda a sábado, como fazer então? A saída mágica era fazer o que faltava no único dia livre da semana

que ele tinha: o domingo. E já, no domingo seguinte, os dois estavam lá, aguardando a chegada do material de construção, que somente chegou próximo das quatro horas da tarde. Chegado o cimento, a areia e a terra de rebocar, o manso do meu tio começou a trabalhar, já eram quase quatro horas da tarde quando fez o primeiro traço de massa, raspou a parede e, literalmente, pôs mãos à obra.

No primeiro traço de massa, tudo bem, mas, no segundo, não havia mais iluminação suficiente no interior do barraco. Desse modo, o sábio do paraibano solicitou ajuda de sua fiel esposa, que pegasse jornais e atearse fogo para iluminar. Assim fez a obediente mulher. Com mais dois domingos de aconchegado trabalho, os dois mudaram-se para o tão sonhado lar, e moraram no Noia durante vinte e dois anos.

Nesse intervalo, dona Maria Janaína, isso mesmo, minha mãe, também foi para o Rio de Janeiro. A amizade de sua irmã mais velha, agora presente, acalmou um pouco as angustias de Pilá. Com pouco tempo, Janaína retorna à Paraíba, dessa vez, levando a tiracolo o futuro pai de seu filho mais novo. A moça e seu namorado convencem o adolescente Mandu que, numa cidade como o Rio, ele teria mais chances de subir na vida. O único filho homem do casal Isidro e Cassiana arruma as malas e vai arriscar os seus dotes de reparador de equipamentos eletrônicos, como rádio e televisão, na terra do Flamengo.

Quando o casal Tio Jotão e Pilá se estabeleceu no Noia, logo minha mãe se interessou em comprar um terreno lá para transferir seus pais, irmãs e filhos, que ainda estavam na Paraíba. Uma das irmãs de Tio Jotão havia comprado um terreno em frente ao seu e, inclusive, iniciou a construção de uma pequena casa. Foi precisamente deste terreno, o mesmo que tinha uma tangerineira improdutiva na frente, que minha mãe se fez proprietária e, feliz da vida, organizou a mudança de sua família da Paraíba para o Rio de Janeiro.

ENTRE O NOIA E A NOIA HÁ OUTRA OPÇÃO?

Assim, chegamos ao Noia. Uma família unida em torno da necessidade imediata e objetiva da sobrevivência. Muitos sonhos, inúmeras dificuldades e várias possibilidades. Como já lhes adiantei, acredito na hipótese da união, associada à pedagogia da tolerância zero, como fatores preponderantes em nossa condução para uma outra vida, diferente da que estávamos acostumados a vivenciar nesse bairro. Para as pessoas que nos criaram, qualquer coisa que se distanciasse dos padrões familiares nordestinos de criação era lance de marginal.

Assim sendo, episódios corriqueiros como, por exemplo, jogar capoeira ou futebol era encarado como casos impróprios para nós. Os meninos que se atrevessem a burlar a regra pagavam com os castigos nada animadores, praticados por Tia Pilá e vovó. Esse fato parece excessivamente moralista. Como já lhes disse, não tenho certeza de que esses tenham sido os motivos pelos quais não caímos na marginalidade. De certo que a minha colocação é apenas uma hipótese. Pode ter havido outros motivos, entretanto, são esses nos quais mais acreditamos, eu e meus irmãos.

Particularmente, eu acho que não conseguimos muito além do que conquistaram as pessoas que nos criaram. Vejam só, eles saíram do Nordeste, enfrentaram incomensuráveis dificuldades para nos criar e lograram fazer com que

os filhos crescessem em um meio extremamente hostil sem se contaminarem com a criminalidade. Além disso, possibilitaram condições de educação formal e familiar, o que contribuiu decisivamente para a nossa saída daquela realidade tirana. Nós, os filhos, o que conseguimos? Quando me pergunto isso, tento responder de maneira que atenuie a minha responsabilidade sobre o meu tempo e meu espaço. Mas, de fato, comparando-me à minha mãe, meus tios e meus avós, o que fiz na vida é muito pouco diante das possibilidades educacionais e econômicas que a minha família, de certa forma, me proporcionou. E olha que acho que fiz muita coisa na vida.

Entretanto, o que mais me tira a tranquilidade quando penso nisso é imaginar que eu e meus irmãos não temos nem um só projeto comum à família. Os meninos foram crescendo, trabalhando, casando e hoje cada um tem a sua família. Cada família em seu canto, em suas casas próprias, com seus próprios problemas. Repetindo a máxima usada por um radialista de Fortaleza chamado Zé Rufino, “o seu problema é problema seu”. Eu, nem isso consegui, pois ainda não encontrei a maneira correta de formar a minha própria família.

Às vezes acho mesmo que a semi-miséria vivenciada no Noia nos unia, e que, portanto, se hoje estivéssemos à beira da miséria, estaríamos todos unidos e protegendo uns aos outros. Mas, se assim o fosse, seria uma imensa contradição, não acham?

Sair da lama, conseguir comer, estudar, ter emprego e condições razoavelmente compatíveis com a dignidade das famílias tidas de classe média é o padrão almejado por quem se encontrava nas condições em que vivíamos. Sendo assim, já que atingimos esse tão desejado padrão, não deveríamos estar mais unidos? Negativo! A sociedade capitalista é assim mesmo. Cada um na sua, resolvendo seus problemas de forma individual. Ninguém tem tempo para mais nada, é uma correria só, ou seja, se todo mundo está bem, então ninguém precisa de mim, logo tenho que me preocupar com os meus próprios problemas. E assim pensam pessoas e famílias.

Às vezes penso que, se existisse hoje entre nós uma pessoa com o carisma, o carinho, a dedicação e a atenção de dona Cassiana, que virou estrela há mais de vinte anos, as coisas seriam diferentes. Estaríamos todos unidos em torno dessa pessoa? A essa indagação não tenho como responder, o máximo que posso fazer é torná-la possível em minhas abstrações.

SE SOUBER A RESPOSTA ME DIGA!

Vou finalizar e não digo mais nada. Antes, porém, peço-lhes agora que voltem seus olhares para o Noia. Como vocês já conhecem todos os personagens dessa história e as causas que levaram minha família a aportar neste bairro, posso, então, continuar a narrar os motivos que, a meu modo de sentir, foram os responsáveis por nos tirar daquela realidade. De fato, como já lhes adiantei, acho que a união da família, associada a certos valores nordestinos, nos embalaram em uma espécie de nostalgia da vida que nossos antepassados viveram e, portanto, despertado de maneira, até certo ponto incipiente, a vontade de querer voltar para o Norte. O modo como fomos criados, de forma dura, inclusive com alguma severidade, mas recheada de afeto e impregnada de emoção, considerando sempre os problemas de cada um como o problema da família, contribuiu de maneira contundente para que nós nos motivássemos a sair do Noia.

No entanto, temo pelo futuro que nos espreita daqui para frente, principalmente, quando imagino como será a vida de nossos filhos, todos nascidos fora do Jardim Noia. Vejam, meus atentos ouvintes, apesar de vivermos em condições materiais superiores a que fomos criados, nossa paz está dramaticamente conturbada. Dificilmente, nossos filhos poderão repetir a união que conseguimos, mesmo que já fragmentada, para conviver. Nossas casas de hoje, com mu-

ros altos, com sofisticados sistemas de segurança, não possibilitam, ao menos, que nossos filhos possam dar uma volta na esquina sem que nos preocupemos se alguém vai aparecer para roubar-lhes os tênis. Nossas casas de hoje em condomínios fechados, com fachadas em granitos, com mais de um banheiro, suíte com banheira de hidromassagem e *closet* não nos garantem a união que nos manteve fortes e firmes, acreditando em um futuro melhor.

Nossas casas de hoje, com televisão a cabo, internet em banda larga, telefones fixos e portáteis, e com um ou mais automóveis na garagem, estão longe de assegurarem o prazer de um lazer despretensioso como era dançar sem segurança nenhuma, mas com muita tranquilidade no samba do Sovaco da Minhoca.

Sou forçado a dizer que, tanto no Noia quanto em Lisboa, Quebec ou Joanesburgo, é provável que o homem seja sempre infeliz em busca de fragmentos de felicidade.

Tenho muitas dúvidas se posso ter paz e, conseqüentemente, encontrar lampejos de felicidade sem minha família ao meu redor. Não posso dizer que a vida na Baixada Fluminense fosse uma vida boa, o que seria uma incoerência de minha parte. Parto do pressuposto de que todos, sem exceção, devem ter condições condignas de vida, o que é negado tanto aos que moram no Noia como em inúmeras favelas e em outros tipos de comunidades da periferia do mundo tecnoliza-

do e dito globalizado. A grande questão a ser levantada, portanto, é que nem hoje, na Fortaleza moderna de classe média, nem na lama do Noia, posso dizer que vivo tranquilamente, numa boa.

Na Baixada, contraditoriamente, o nosso problema não era a violência, que nos assusta cotidianamente aqui, em Fortaleza. Nossas maiores preocupações eram com o que comer, com a dificuldade de estudar, com os empregos que nos restavam, que, invariavelmente, eram os sobejos dos sulistas. Preocupava-nos muito mais que a guerra pelo tráfico, as enchentes que, quando vinham, arrastavam tudo e transformavam nossas casas em um chiqueiro de porco. E por tudo isso me questiono, meus queridos amigos, e é apenas isso que por hora posso fazer, pois não tenho as respostas prontas, como diz aquela música cantada pelo Rappa: “Qual a paz que eu não quero conquistar pra tentar ser feliz?”. Tenham um bom dia!

SOBRE O AUTOR

Deri (José Deribaldo Gomes dos Santos), nascido em 1964, traz em cada um de seus nomes e na data do seu nascimento a força de uma história. E essa fortaleza apresentada na aparente forma das letras também funda uma vida de reflexões inquietantes.

Como um mar revolto, a trajetória de um menino que conseguiu tornar-se homem “segurando ondas” do Jardim Noia à cidade de Fortaleza, passando por vários outros lugares. Como poeta, em 1990, publicou Pelos quatro cantos do mundo; depois, em 1994, Conversando com as estrelas; para brindar o início do século, em 2001, nos fala mais uma vez em seus Poemas de rua. Agora, mais maduro, e com uma trajetória acadêmica iniciada, nos carrega pela mão a fim de conhecermos mais dele e do ‘seu’ jardim.

O Noia nos revela um Deri forte, apesar do choro fácil, e temeroso, apesar do olhar firme e dentes à mostra. Um homem sozinho, pois se conhece mais que todos, e um homem rodeado de amigos e familiares, pois festivo. Como ele mesmo diz: “falsificando, embriagando, entorpecendo e disfarçando a realidade para se ‘achar’ finalmente feliz”.

Dos forrós em latadas, promovidos pelos adultos, às latadas na testa, sofridas pela meninada do Noia, esse escritor corajoso vai contando histórias que expõem suas dores e prazeres.

Ele fica desnudo diante do leitor, e em nome do amor à sua família e à cor da pele que o faz ser o que é, nos faz rir e chorar diante do Jardim Noia e da vida que a sociabilidade burguesa nos obriga a viver, aqui, na Europa e na “rua da lama”.

Regina Coele

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10
cartão supremo 250g / polem 80g
nas oficinas da Expressão Gráfica
para a Editora Corsário em Abril
de 2010.